

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – CAMPUS PARINTINS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E ZOOTECNIA – ICSEZ

MARCOS FELIPE RODRIGUES DE SOUZA

MENSAGEIRO DA AMAZÔNIA: SOBREVIVÊNCIA EM MEIO ÀS NOVAS
FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL

PARINTINS

2021

MARCOS FELIPE RODRIGUES DE SOUZA

**MENSAGEIRO DA AMAZÔNIA: SOBREVIVÊNCIA EM MEIO ÀS NOVAS
FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Amazonas – campus Parintins como requisito obrigatório para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sorianny Simas Neves

PARINTINS

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729m Souza, Marcos Felipe Rodrigues de
Mensageiro da Amazônia : sobrevivência em meio às novas ferramentas de comunicação digital / Marcos Felipe Rodrigues de Souza . 2021
101 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Soriany Simas Neves
TCC de Graduação (Comunicação Social - Jornalismo) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Amazônia. 2. Rádio. 3. Comunicação. 4. Interferências. 5. Mensageiro da Amazônia. I. Neves, Soriany Simas. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MARCOS FELIPE RODRIGUES DE SOUZA

**MENSAGEIRO DA AMAZÔNIA: SOBREVIVÊNCIA EM MEIO ÀS NOVAS
FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Amazonas – campus Parintins como requisito obrigatório para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovado em 1º de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Soriany Simas Neves, Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Adelson Costa Fernando, Membro
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Lucas Milhomens Fonseca, Membro
Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar,

À Deus, pelo dom da vida;

À Nossa Senhora Aparecida, pela proteção e intercessão;

Agradeço o esforço e incentivo dos meus familiares, responsáveis por minha formação cidadã e cristã. Em nome de cada um deles, cito meus pais Marcos Antônio e Rosene Rodrigues, pessoas que me ensinaram desde cedo que é necessário ter Coragem, Sabedoria e Humildade para encarar a vida. Cito também minhas irmãs Laleska Rodrigues e Marcele Maciel, minhas referências em dedicação e carinho. Serei eternamente grato;

Agradeço a minha companheira de vida, Poliana Rodrigues, meu exemplo de bondade e compreensão. Mulher única, amiga para todos os momentos, com quem quero dividir meus planos, desafios e conquistas;

Agradeço aos amigos da universidade, que compartilharam comigo momentos de angústia e de sorrisos. Agradeço também aos amigos do Sistema Alvorada de Comunicação, que sempre me incentivaram a progredir e me ajudaram a construir o profissional que hoje sou;

Agradeço a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Soriany Neves por ter embarcado comigo nesta jornada e por ter sido crítica e clara quanto às minúcias da elaboração da pesquisa, seja no estudo de campo ou mesmo na escrita da monografia;

Agradeço aos moradores das comunidades Mato Grosso e Nossa Senhora da Conceição, que aceitaram participar desta pesquisa. Em cada residência visitada, a cada nova xícara de café servida, a cada novo diálogo, uma história enriquecedora para a bagagem desse aventureiro que vos escreve;

E, por fim, gratidão a todos que me ajudaram a percorrer esta jornada acadêmica na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

RESUMO

Esta monografia procurou investigar como novas ferramentas de comunicação digital, principalmente as que possibilitam a troca de mensagens instantâneas como *WhatsApp* e *Facebook*, interferem no processo de execução do programa radiofônico Mensageiro da Amazônia, da Rádio Alvorada. O programa é um dos mais tradicionais da grade da emissora, responsável por emitir avisos e comunicados para os milhares de ouvintes, sobretudo aqueles que vivem nas comunidades ribeirinhas da região. Este trabalho percorre o universo da vida na Amazônia para apontar a relação das populações ribeirinhas com o rádio, o precursor da comunicação em massa na região. Navega pelas transformações e adaptações deste veículo, narra a história da radiodifusão no Amazonas, e aporta em Parintins, que viu nascer em 1967 a primeira estação de rádio da cidade. Para elucidar ainda mais a investigação proposta, a pesquisa compara duas realidades distintas, constatadas a partir da visita nas comunidades ribeirinhas Mato Grosso, que possui baixo acesso à telefonia, e Nossa Senhora da Conceição, que usufrui de ótimo sinal da rede telefônica e dos serviços de internet móvel. O trabalho apresenta resultados que evidenciam a interferência dessas ferramentas de comunicação digital na execução e audiência do Mensageiro da Amazônia. Ainda assim, o programa de avisos da Rádio Alvorada mantém sua voz ativa na região e representa um dos principais canais de informação para as comunidades que habitam às margens dos rios da Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia. Rádio. Comunicação. Interferências. Mensageiro da Amazônia.

ABSTRACT

This monograph sought to investigate how new digital communication tools, especially those that allow the exchange of instant messages such as WhatsApp and Facebook, interfere in the execution process of the radio program Mensageiro da Amazônia, on Rádio Alvorada. The program is one of the most traditional on the broadcaster's schedule, responsible for issuing notices and communications to thousands of listeners, especially those who live in riverside communities in the region. This work covers the universe of life in the Amazon to point out the relationship between riverside populations and radio, the precursor of mass communication in the region. It navigates through the transformations and adaptations of this vehicle, narrates the history of broadcasting in Amazonas, and arrives in Parintins, which saw the birth of the city's first radio station in 1967. To further elucidate the proposed investigation, the research compares two distinct realities, found from the visit to riverine communities Mato Grosso, which has low access to telephones, and Nossa Senhora da Conceição, which enjoys excellent signal from the telephone network and services of mobile internet. The study presents results that show the interference of these digital communication tools in the execution and audience of the Messenger of the Amazon. Even so, Rádio Alvorada's announcement program maintains its active voice in the region and represents one of the main channels of information for the communities that inhabit the banks of rivers in the Amazon.

Keywords: Amazon. Radio. Communication. Interference. Mensageiro da Amazônia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Home</i> do site do Sistema Alvorada de Comunicação	29
Figura 2 - <i>Home</i> da página do Sistema Alvorada de Comunicação	30
Figura 3 - Seção de <i>podcast</i> no site da emissora	31
Figura 4 - Aviso do tipo Comercial	47
Figura 5 - Aviso do tipo Missas Fúnebres	48
Figura 6 - Aviso do tipo Comunicado de falecimento	48
Figura 7 - Aviso do tipo Documentos perdidos.....	49
Figura 8 - Aviso do tipo Individuais (utilitários)	50
Figura 9 - Aviso do tipo Institucionais.....	50
Figura 10 - Aviso do tipo Sindicatos/Associações	51
Figura 11 - Aviso do tipo Paroquiais.....	52
Figura 12 - Aviso do tipo Escolares.....	52
Figura 13 - Aviso do tipo Festas de padroeiros e padroeiras	53
Figura 14 - Aviso do tipo Vencedores de bingos, rifas e jogos.....	54
Figura 15 - Aviso do tipo Chamadas/Vagas de emprego	54
Figura 16 - Aviso do tipo Saída/Chegada de embarcações	55
Figura 17 - Aviso do tipo Torneios.....	56
Figura 18 - Balsa usada como transporte até a sede de Vila Amazônia	63
Figura 19 - Trecho da estrada da Gleba de Vila Amazônia.....	64
Figura 20 - Residência de Raquel e Gedeon	65
Figura 21 - Dona Raquel aponta o caminho até a comunidade Mato Grosso	65
Figura 22 - Comunidade do Mato Grosso, Gleba de Vila Amazônia	66
Figura 23 - Aparelho de rádio na cozinha de uma das casas do Mato Grosso	68
Figura 24 - Área de mata, caminho para plantações dos moradores.....	69
Figura 25 - Aparelho de rádio moderno em uma das casas do Mato Grosso	71
Figura 26 - Moradora sintoniza rádio à pilha na comunidade Mato Grosso	73
Figura 27 - Passageiros a bordo de embarcação típica da Amazônia	75
Figura 28 - Pescadores da região amazônica, zona rural de Parintins	76
Figura 29 - Viagem a bordo de um rabeta.....	78
Figura 30 - Comunidade Nossa Senhora da Conceição	79
Figura 31 - Igreja, escola e barracão da comunidade, respectivamente	82
Figura 32 - Convite para a festa da padroeira na página da comunidade.....	85
Figura 33 - Oralidade junto às novas ferramentas de comunicação digital	89

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Imagem de satélite de Parintins, Vila Amazônia e Mato Grosso	61
Mapa 2 - Imagem de Satélite da Comunidade Mato Grosso	62
Mapa 3 - Imagem de satélite de Parintins e comunidade N. Senhora da Conceição	77
Mapa 4 - Imagem de satélite da comunidade Nossa Senhora da Conceição	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O RÁDIO E A COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA	14
2.1	Conectando-se às notícias e a vida na floresta	14
2.2	História da radiodifusão no Amazonas	18
2.3	Transformações e adaptações	26
3	FAVOR RETRANSMITIR AO DESTINATÁRIO	32
3.1	Rádio Alvorada, a pioneira em Parintins	32
3.2	O Mensageiro da Amazônia	37
3.3	Por dentro dos atuais avisos	46
3.3.1	Comerciais	46
3.3.2	Missas fúnebres	47
3.3.3	Comunicado de falecimento	48
3.3.4	Documentos perdidos	48
3.3.5	Individuais (utilitários)	49
3.3.6	Institucionais	50
3.3.7	Sindicatos/Associações	50
3.3.8	Paroquiais	51
3.3.9	Escolares	52
3.3.10	Festas de padroeiros e padroeiras	53
3.3.11	Vencedores de bingos, rifas e jogos	53
3.3.12	Chamadas/Vagas de emprego	54
3.3.13	Saída/Chegada de embarcações	55
3.3.14	Torneios	55
4	AS INTERFERÊNCIAS DE NOVAS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL	57
4.1	Caminhos metodológicos	57
4.2	Comunidades ribeirinhas e a comunicação	60
4.2.1	Mato Grosso	60
4.2.2	Nossa Senhora da Conceição – Paraná do Ramos	75
4.3	Análises e resultados	86
5	CONSIDERAÇÃO FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	92
	Apêndice A – Perguntas semiestruturadas para dona Raimunda Ribeiro	95
	Apêndice B – Perguntas semiestruturadas para Lucely Monteiro	96
	Apêndice C – Perguntas semiestruturadas para Flávio Luiz	97
	Apêndice D – Perguntas semiestruturadas para a comunidade Mato Grosso	98
	Apêndice E – Perguntas semiestruturadas para a comunidade Nossa Senhora da Conceição	99
	Apêndice F – Modelo do termo de autorização de uso de voz e imagem	100

1 INTRODUÇÃO

No território amplo e plural da Amazônia, populações humanas se organizam de diferentes maneiras e em diversos ambientes, dispostas em áreas urbanas ou rurais. Neste contexto heterogêneo, destacam-se as comunidades tradicionais que se agrupam às margens dos rios da região, reconhecidos como ribeirinhos. Segundo Lira e Chaves (2015), é importante observar que, ao contrário das narrativas estereotipadas sobre a região, as comunidades ribeirinhas de nenhuma forma estão dispersas no tempo e espaço, ou mesmo longe uma das outras, elas constituem uma rede de conexões entre si.

É sobre elas, as comunidades ribeirinhas, que este trabalho se debruça para investigar como ocorre o processo comunicativo entre os seus componentes e como acontece o compartilhamento de informações com outras localidades. No interior de cada uma delas, o processo comunicativo é conduzido pela oralidade, que constitui a forma mais tradicional de convivência e interação entre os moradores, um saber transmitido entre as gerações que se sucedem ao longo dos anos.

E ao refletir sobre esta realidade amazônica e traçar um caminho em direção à comunicação externa, é imprescindível mencionar a forte presença do rádio, o veterano veículo de comunicação de massa que atua como fonte de informação para os habitantes dessas localidades. E não apenas isso, além de fonte, é ele também a ponte que interliga e facilita o repasse de informações entre cada espaço populacional da região. De acordo com Almeida, Santos e Souza (2018, p. 13): “Na Amazônia, região de escalas estratosféricas, o primeiro veículo de comunicação de massa cumpre relevante papel social. São célebres os programas de recados para as comunidades rurais.”

Desta maneira, os chamados “programas de recados” ou “programas de avisos” desempenham um papel crucial na região, pois são eles os responsáveis por notificar e integrar localidades distantes, sobretudo nas quais somente o rádio é utilizado como meio de comunicação. Eles informam a uma audiência fiel os fatos e situações do cotidiano amazônico, com a utilização de uma linguagem comum e acessível a todos os públicos. “Como o rádio é o recurso mais viável, não há

nenhum constrangimento por parte dos emissários em falar dos seus problemas particulares.” (MONTEIRO, 1996, p. 6)

Em Parintins, cidade do interior do Estado Amazonas, o rádio está presente desde 1967, quando fundada a Rádio Alvorada, estação católica que até hoje mantém sua programação no ar. Na grade da emissora, o programa “Mensageiro da Amazônia” é o encarregado de emitir esses avisos e por isso desponta como um dos momentos mais tradicionais do rádio parintinense. Ele oferece aos ribeirinhos um espaço para a comunicação tradicional, que embasada na oralidade, agora pode ser ouvido por todos aqueles que acompanham a emissora.

Mas o rádio não está sozinho. Hoje, a realidade demonstra que no convívio social dos espaços populacionais da Amazônia, inclusive das comunidades ribeirinhas, novas ferramentas tecnológicas, ligadas à comunicação, despertam o interesse da grande massa. São dispositivos cada vez mais úteis ao cotidiano que permitem, dentre inúmeras possibilidades, a troca instantânea de mensagens.

Diante deste cenário, a pesquisa tem como objetivo principal investigar a possibilidade da interferência dessas ferramentas digitais na execução do Mensageiro da Amazônia. Dessa forma, questiona-se: esses novos modelos de comunicação, cada vez mais presentes na realidade amazônica, ameaçam a existência do programa?

Para elucidar os pormenores desse questionamento, a pesquisa apresenta as peculiaridades da vida amazônica; percorre a trajetória da radiodifusão no Amazonas; demonstra a capacidade de adaptação do rádio frente ao avanço de novas ferramentas tecnológicas; conta a história da Rádio Alvorada em Parintins; cataloga e classifica os avisos veiculados no Mensageiro da Amazônia; compara as realidades de duas comunidades ribeirinhas que se contrastam quanto ao uso do celular e o acesso à internet; e por fim, analisa a intercorrência dessas ferramentas de comunicação digital no compartilhamento de informações entre as populações ribeirinhas.

Diante de tudo que foi exposto, o trabalho divide-se em cinco grandes partes, são elas: introdução, capítulo 1, capítulo 2, capítulo 3, e considerações finais. Cada capítulo é organizado em três seções, formando o corpo teórico da pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado “O rádio e a comunicação na Amazônia” inicia com o segmento “Conectando-se às notícias e a vida na floresta”, no qual são narrados os pormenores da vida na Amazônia e a maneira como as comunidades ribeirinhas se comunicam e se interligam. Os argumentos deste espaço são embasados sobretudo à luz do pensamento de Adriano Rodrigues (2017), Rosa Rodrigues (2011), e das autoras Talita Lira e Maria Chaves (2015).

A próxima seção aborda a “História da radiodifusão no Amazonas”, e apresenta a trajetória deste veículo de comunicação de massa nas terras do Estado, embasada especialmente na obra “O Rádio no País das Amazonas”, de Eugênio Nogueira (1999). Também são referenciados pontos da tese de doutorado “Webrádio: Novos Gêneros, Novas Formas de Interação”, de Nair Prata (2008).

Para fechar o primeiro capítulo, a presente monografia fala sobre “Transformações e adaptações”. Neste item são destacados os esforços feitos pelas emissoras de rádio, ao longo da história, para se adaptar aos avanços tecnológicos e à chegada de novos concorrentes no mercado da comunicação de massa. Para a fundamentação teórica desta seção foram utilizadas três obras da escritora Nelia Bianco (2004a, 2004b, 2012) que tratam sobre o radiojornalismo na era digital, era da informação, e era da convergência. Os argumentos são correlacionados com o pensamento de Nair Prata (2008).

O segundo capítulo, intitulado “Favor retransmitir ao destinatário” adentra no universo de pesquisa deste trabalho, ao inserir-se no território das rádios parintinenses e na dinâmica de apresentação do Mensageiro da Amazônia. O primeiro subtema “Rádio Alvorada, a pioneira em Parintins”, articula sobre a história da primeira emissora da cidade. Para a concretização deste item foi consultada sobretudo a obra “Revista Alvorada 40 anos: a voz que a Amazônia escuta”, publicada pela Diocese de Parintins em 2007. Também foi utilizada o livro “Clarões de Fé no Médio Amazonas”, escrito pelo primeiro bispo de Parintins, dom Arcângelo Cerqua, em 1980.

A seção seguinte, denominada “O Mensageiro da Amazônia” mergulha na trajetória histórica do programa de avisos da emissora, e demonstra a sua importância social para a região, especialmente para as comunidades ribeirinhas. Foram imprescindíveis para a fundamentação desta divisão as autoras Soriany

Neves (2019), com a tese de doutorado “Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade”, e Irecê Monteiro (1996), com a obra “Favor Transmitir ao Destinatário (Uma análise semiológica dos avisos de rádio no Amazonas)”. Esta última dedicou este estudo à uma análise dos avisos veiculados nas emissoras do Estado. Vale ressaltar que foram realizadas entrevistas com a ex-diretora da Rádio Alvorada, dona Raimunda Ribeiro da Silva, com o locutor, Flávio Luiz, e com a atual diretora da emissora, Lucely Monteiro.

Para encerrar as discussões deste capítulo, a monografia apresenta a seção “Por dentro dos atuais avisos”, que exhibe uma classificação, feita pelo próprio autor, dos comunicados que foram catalogados durante a execução do trabalho. A ideia é exemplificar como são narrados os tipos de avisos dentro do Mensageiro da Amazônia.

O terceiro capítulo, denominado “As interferências de novas ferramentas de comunicação digital” carrega todas as minúcias do trabalho de investigação feito no campo de pesquisa, sobretudo nas comunidades Mato Grosso e Nossa Senhora da Conceição. A primeira parte do capítulo aborda os “Caminhos Metodológicos”, sob a luz dos ensinamentos de Lakatos e Marconi (2008), Gil (2002) e Minayo (2002).

O item seguinte, “Comunidades ribeirinhas e a comunicação”, revela a questão chave desta pesquisa, quando são apresentados os depoimentos dos moradores das duas comunidades ribeirinhas escolhidas para o estudo de campo (Mato Grosso e Nossa Senhora da Conceição). Com base nos ensinamentos de Lakatos e Marconi (2008), a monografia se utiliza do método de procedimento comparativo, e destaca a divergência quanto a utilização do Mensageiro da Amazônia por uma comunidade com baixo acesso a telefonia móvel e outra com a disponibilidade dos serviços de telefonia móvel. Neste item, a escrita é alicerçada especialmente nos depoimentos dos próprios moradores, colhidos a partir de perguntas semiestruturadas. A narrativa dos fatos é intercalada com a fundamentação teórica dos autores Costa e Wanderley (2020), Lira e Chaves (2015), Rodrigues (2011), Rodrigues (2017) e Monique Igreja (2016).

O capítulo termina com a seção “Análise e Resultados”. Este espaço é dedicado para a apreciação de todo o andamento da pesquisa, quando são apresentadas as respostas para as questões que foram levantadas e investigadas

durante a ida ao campo. É aqui onde consta o “diagnóstico” do trabalho, fundamentado em autores como Ferreira e Varão (2020), Neves (2019) e Albuquerque (2020).

O desenvolvimento da pesquisa termina com as “Considerações finais”, onde são recapitulados, de maneira concisa, a discussão feita durante o percurso do trabalho e os resultados obtidos a partir do estudo que foi realizado. Esta pode ser encarada como uma despedida, mas também como um convite para as inquietações dos aventureiros, ora pesquisadores, das ciências humanas.

2 O RÁDIO E A COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA

2.1 Conectando-se às notícias e a vida na floresta

Descrever a dinâmica das populações amazônicas requer compreender sua pluralidade de saberes e a relação de sobrevivência do homem com o meio natural. Segundo Lira e Chaves (2015), a região é ocupada por diferentes grupos étnicos, os quais mantêm viva tradições que foram adquiridas a partir de um histórico caminho de colonização, podendo ser correto dizer que os povos amazônicos são resultado de diferentes choques históricos e da resistência de etnias distintas.

Pensar a Amazônia como uma região homogênea, sob o olhar de narrativas estereotipadas pelo vislumbre do verde da grande floresta, e negligenciar a diversidade existente nesse lugar, coloca em cheque a composição de diferentes povos humanos, que vivem em diferentes ambientes, como florestas fechadas, centros urbanos, distritos ou às margens dos rios, onde estão situadas as comunidades ribeirinhas. “Pesquisas que considerem a Amazônia complexa e diversificada ajudam a transformar a visão de uma região problemática, para uma região estratégica porque concebem por um melhor conhecimento sobre o local”. (RODRIGUES, 2017, p. 58)

As margens dos rios, ora isolados ou mesmo agrupados em comunidades rurais, os ribeirinhos da Amazônia vivem numa intensa relação com o meio natural, e inseridos neste contexto, desempenham atividades que favorecem o desenvolvimento social e até mesmo econômico da região.

Assim, compreende-se que as comunidades ribeirinhas se apropriam dos recursos florestais, baseado na reciprocidade com a natureza, [...] tais como: agricultura, criações de pequenos animais, extrativismo animal (pesca e caça) e extrativismo vegetal (madeireiro e não-madeireiro) (FRAXE, 2009 apud LIRA e CHAVES, 2015, p. 8)

Essa relação mútua com o meio natural origina um linguajar peculiar, formando uma cadeia de dialetos amazônicos. Os ribeirinhos são um exemplo de população tradicional que adotam uma comunicação própria a partir da vivência próxima com a natureza (CHAVES, 2001 apud LIRA e CHAVES, 2015). A

Amazônia é formada por diversas comunidades, ligadas em sua grande maioria, por meio dos rios e lagos da região, alguns poucos por estrada. Entender como ocorre o compartilhamento de informações dentro desse universo requer olhar um olhar multiangular que conceba todos esses atributos supracitados.

Dessa maneira, ao pensar na comunicação entre as comunidades ribeirinhas, é obrigatório mencionar que ela é facilitada por um veterano e ainda atual veículo de comunicação, o rádio. Essa relação ocorre na obtenção de notícias do cotidiano, no divertimento por meio de programas musicais, no debate social e político de um programa jornalístico e até mesmo na propagação de avisos de utilidade pública. “Trata-se do rádio que, no contexto amazônico, encontra terreno fértil para expandir seu modo próprio de interação com os interlocutores, apresentando linguagem simples e direta”. (RODRIGUES, 2011, p. 1)

O rádio como veículo de comunicação tradicional não se distancia das pessoas, pelo contrário, se aproxima da realidade do ouvinte e passa a dialogar na mesma sintonia, com uma linguagem que o torna parte do cotidiano dos ribeirinhos. A maioria das emissoras situadas na Amazônia inicia a programação nas primeiras horas do dia, no horário em que tradicionalmente o ribeirinho desperta para labutar/trabalhar.

Segundo Rodrigues (2011, p. 3), a linguagem adotada pelos locutores estabelece uma relação de intimidade com o ouvinte. Essa ‘proximidade’ entre as partes é comum na região amazônica, e existe graças a grande audiência do rádio, a qual leva o ribeirinho a confiar nas notícias e avisos veiculados durante a programação. De acordo com Almeida, Santos e Souza (2018, p. 13):

A partir deles familiares e amigos comunicam chegadas e partidas, óbitos, problemas de saúde, sucesso ou fracasso em operações, festas, rezas, campeonatos de futebol, quermesses, convoca-se a embarcação, informa-se sobre a encomenda encaminhada e hora da chegada no porto ou rodoviária, a realização da missa, a visita de um técnico de órgão público ou a reunião do sindicato.

Nesta linha de raciocínio, Ferrareto (2014, p. 26) afirma que: “Trata-se de sua caracterização como uma espécie de companheiro do ouvinte, algo que está próximo no dia a dia e quebra a solidão seja nas metrópoles, seja nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos”.

A popularidade do rádio também pode ser explicada a partir de quatro fortes características que o tornam único: a sensorialidade, a abrangência, o regionalismo e outra já mencionada anteriormente, a intimidade (SEPAC, 2003 apud RODRIGUES, 2011). A sensorialidade diz respeito à capacidade do rádio em aguçar a imaginação da audiência, oferecendo ao ouvinte a oportunidade de criar cenas a partir daquilo que foi dito no ar. A abrangência refere-se ao fato do rádio 'abraçar' um grande número de pessoas, sem a necessidade de um alto investimento tecnológico por parte dos ouvintes, como por exemplo, a compra de aparelhos de última geração com alto valor de mercado. O regionalismo, particularidade muito marcante na Amazônia, engloba a difusão de informações de interesse local, gerando dinamismo na relação entre o meio e a comunidade. O próprio vocabulário ajuda no entendimento entre as partes. E ainda, a intimidade, criada a partir da afinidade entre locutor e ouvinte, e ocorre principalmente quando o profissional do rádio adota uma fala para cada ouvinte, como se estivesse conversando de forma individual, ainda que muitas pessoas possam estar ouvindo juntas naquele determinado momento.

Rodrigues (2017), na dissertação *Aturá: Trançado de saberes amazônicos. Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte*, com base no artigo *A comunicação radiofônica e a educação popular*, de Rosa Luciana Rodrigues e Manuel Sena Dutra (2011), explicam que o rádio favorece a dinâmica comunicacional da região:

A comunicação radiofônica se apresenta como possibilidade real para desenvolvimento de experiências em regiões como a Amazônia. No Brasil temos uma preferência pela Televisão, como principal meio de comunicação do país, ou seja somos uma sociedade da imagem, a TV é que tomou o lugar central do público, mas na Amazônia o rádio se consolida em lugar privilegiado diante do atual contexto eletrônico. (RODRIGUES, DUTRA, 2011 apud RODRIGUES, 2017, p. 64)

O valor dos aparelhos de rádio, em comparação ao preço de televisores ou celulares de última geração, é outro fator determinante para fazer dele a companhia ideal do costume ribeirinho. "O custo é outro fator que também pode ser levado em consideração, afinal comprar um rádio receptor é bem mais barato que comprar uma TV ou um computador com acesso à internet". (RODRIGUES, DUTRA, 2011 apud RODRIGUES, 2017, p. 64)

E se ainda assim, uma família ribeirinha for tão carente a ponto de não ter condições de comprar um aparelho, o rádio mantém sua autoridade em vista da confiança depositada na informação que é veiculada pelas ondas sonoras deste veterano da Amazônia. “O rádio faz parte da realidade das populações e, mesmo que não haja o aparelho receptor em todas as casas, a comunicação radiofônica gera um compartilhamento de informações”. (RODRIGUES, DUTRA, 2012 apud MONTEIRO, ABBUD, PEREIRA, 2012, p. 230)

Em Parintins, cidade do interior do Estado do Amazonas, localizada na margem direita do Rio Amazonas e distante 368,80 km, em linha reta, e 420 km por via fluvial, da capital Manaus, ainda que a expansão do serviço de telefonia móvel incite gradativamente a rotina das comunidades ribeirinhas, e a TV vislumbre com suas imagens a retina dos habitantes das margens dos rios, o rádio mantém-se ligado e oferece durante todos os dias da semana, opções de conteúdos jornalísticos, religiosos, polêmicos e de entretenimento.

De acordo com Souza (2013), atualmente, a cidade conta com quatro emissoras de radiodifusão (Rádio Clube, Rádio Alvorada, Rádio Tiradentes, e Rádio Novo Tempo), cada uma com características próprias, de acordo com a missão pela qual foi criada. Todas elas operam em frequência modulada (FM), com exceção da Rádio Alvorada que também trabalha em amplitude modulada (AM), ainda que a programação da mesma seja uníssona.

Com este aparato de emissoras, sobram opções de programas que acompanham a rotina de quem mora na cidade, e, sobretudo na zona rural do município. Nos referidos canais, a programação matutina é mais densa, com a apresentação de jornais (locais, regionais e nacionais), de programas de entrevistas, debates sobre a conjuntura política, demandas relacionadas a problemas da comunidade em geral e ainda momentos de reflexão religiosa, a maioria ligada a fé cristã (católicos e evangélicos). Durante as tardes, os discursos e diálogos dão lugar a sonoplastia de vinhetas, trilhas e músicas, o que proporciona um certo ‘descanso’ ao ouvinte. A programação noturna é mais equilibrada, com a presença assegurada do conteúdo jornalístico, por exemplo, a Voz do Brasil, que é obrigatória, somado a veiculação de músicas leves e tranquilas. Em grande parte dessa programação, o ouvinte interage com o locutor (a) de serviço, e passa a fazer parte também da

construção do horário, com o envio de perguntas, solicitação de músicas, pedidos de esclarecimentos, repasse de informações e ainda para denunciar ocorrências diversas, graves ou não, todos inseridos dentro do contexto do programa que está no ar naquele instante.

Contudo, existe um momento, um programa específico na grade de programação da Rádio Alvorada de Parintins, criado essencialmente para retransmitir avisos de utilidade pública, ora individuais, ora coletivos, chamado de 'Mensageiro da Amazônia'. O programa é o emissário de notas escritas pelos próprios ouvintes, entregues na recepção da emissora, com intuito de repassar uma informação urgente para locais onde somente o rádio pode ser sintonizado. De acordo com a Diocese de Parintins (2007, p. 92) o programa foi criado com a "proposta de estreitar a distância da comunicação do povo da cidade e do interior".

No próximo capítulo, a pesquisa se propõe a mergulhar na história da emissora e a investigar a dinâmica de apresentação do Mensageiro da Amazônia, para entender o envolvimento das comunidades ribeirinhas e compreender a maneira como são utilizadas as ondas sonoras do rádio, no contexto das convergências midiáticas, na qual estão inseridas novas ferramentas digitais cada vez mais acessíveis a estas populações.

2.2 História da radiodifusão no Amazonas

A história do rádio no Amazonas desponta em 1927, alguns anos depois do ciclo da borracha, época de intensa movimentação econômica na região Norte do país, fundamentada na extração do látex, que deixou como legado um crescimento urbano para a região e ao mesmo tempo rastros de depredação econômica e social com a decadência do ciclo. Nesta época, Manaus, então Manaós, se apresentava para o mundo como uma das principais cidades do Brasil, e mesmo após o fim do monopólio da borracha, a cidade desfrutava de uma arrojada infraestrutura. Com a perda dos investimentos privados, coube aos políticos do Estado buscar apoio do Governo Federal para assegurar o crescimento da região.

Neste contexto, o surgimento da figura de Ephigênio Salles, governador do Amazonas a partir de 1925, fez com que os rumos da radiodifusão começassem a

ganhar direção. Além de investimentos básicos logo nos primeiros anos de governo, Nogueira (1999, p. 38), explica que partiu de Salles a ideia de expandir o sistema de radiotelegrafia, existente em Manaus desde 1910, como herança da época de ouro da borracha. Um dos motivos para tal, era a necessidade que o governo possuía de aproximar-se, sobretudo para fins comerciais, com o interior do estado.

Com recurso angariados pelo próprio Estado, a administração de Ephigênio Salles deu início à construção de estações telegráficas nos municípios de Tefé, Benjamim Constant, Humaitá, Borba e Maués, ampliando a rede comercial com o interior.

No início de 1927, após a importação de uma completa rede de rádio adaptada à voz humana para Manaus, a população viu germinar, segundo Nogueira, a Era do Rádio no Amazonas, que nasce da elevação das edificações da Amazon Telegraph, arquitetada para abrigar a estação radiofônica. A primeira rádio foi inaugurada meses depois, em abril do corrente ano.

Neste cenário, a trajetória do rádio no Estado, de acordo Nogueira (1999) pode ser narrada em três importantes fases: Germinação (1927-1942), Floração (1943-1965) e Frutificação (1966-1990). Esse percurso histórico se configura pelo surgimento das principais emissoras, os esforços para a afirmação do rádio como um veículo de comunicação forte na região, e a sua solidificação como um dos principais meios de difusão de informações do Norte do Brasil.

A fase da Germinação (1927-1942) desponta com a chegada da Voz de Manaós, que nasce na primeira quinzena de abril de 1927, na busca de conduzir aos municípios do interior informações atualizadas de preços e a valorização dos produtos que influenciavam na bolsa de valores, além do cenário econômico nacional e internacional. A emissora também se manifestava sobre o fluxo das embarcações, que aportavam na capital, e sobre as ações do governo do Estado. A rede telegráfica que ligava Manaus ao interior, com 16 estações aparelhadas logo deixou de ser a única maneira de acompanhar os informes. Nogueira (1999, p. 40), explica que a população logo se interessou pela compra de receptores domésticos, e isso motivou a variação na programação da emitente.

Nos dias em que as informações comerciais não eram veiculadas, funcionários da companhia telegráfica convidavam artistas locais, na

maioria seresteiros, para fazer apresentações ao vivo de números de cantos e poesia.

A frequência das transmissões não era contínua, muito pelo contrário, sua periodicidade ocorria em apenas três dias da semana: segunda, quarta e sexta-feira, no horário de 21 horas e 22 horas. Neste cenário, apesar da boa infraestrutura física da cidade de Manaós, a incapacidade técnica para transmissões sonoras, carecida pelo baixo suprimento elétrico, somado ao amadorismo nas transmissões diárias, e a descontinuidade dos incentivos à emissora pioneira dos governos futuros, resultou no fim da Voz de Manaós.

A baixa significativa gerada pelo fim da primeira rádio do estado do Amazonas, amargou Manaus em oito anos de jejum radiofônico. Porém, em 1938, o paulista Lizardo Rodrigues cria a Voz da Baricéa, a novíssima emissora de rádio da região. Nogueira (1999), explica que Lizardo fez suas primeiras transmissões em um estúdio improvisado nos fundos de sua residência. Em uma nova frequência (PQM-3), a rádio não enfrentou os mesmos problemas de sua precursora, pois a capital amazonense conseguiu eliminar os problemas com condutores elétricos que importunaram a vida da Voz de Manaós. Com a parte técnica em dia, a preocupação de Lizardo Rodrigues voltava-se à programação diária, uma inquietação para tentar atrair o público ouvinte, e os anunciantes para seu novo empreendimento. “Era uma programação de difícil digestão, ainda que o apetite dos *radiófilos* se contentasse com o simples fato de Manaus possuir uma emissora regular”. (NOGUEIRA, 1999, p. 55)

A segunda etapa na trajetória histórica da Voz da Baricéa, na década de 30, inicia com a mudança de frequência. A PQM-3 foi transformada em PRF-6, mudança que de acordo com Nogueira (1999) não comprometeu o reconhecimento da população pela estação. Esta nova fase marca ainda a definição de uma programação “ideal”, que contou com a popularização dos locutores, mesclados em profissionais experientes, como por exemplo, Wuppschlander Lima, que trouxe uma vasta experiência do Sudeste do Brasil, e repórteres recém chegados que formavam o *cast* de vozes da emissora. Segundo Nogueira (1999), a trajetória da Voz da Baricéa passou a sofrer interferências diretas do Estado, que durante este período já percebia a importância dos anúncios nas emissoras de rádio, e a essa altura

veiculava propagandas de cunho ideológico na programação. A sequência da cronologia histórica do rádio na região avança cada vez mais para o interesse da estatização dos veículos de comunicação.

Neste contexto, o Brasil vivia o cenário da Revolução de 30, que possibilitou a chegada de Getúlio Vargas ao poder, o qual foi gradualmente revelando suas reais intenções de dominação popular a partir da posse das principais emissoras do país. De acordo com Prata (2008, p. 9):

Getúlio Vargas, que assumiu a presidência da República com a Revolução de 1930, percebeu rapidamente a importância política do rádio e manteve as emissoras entre as suas áreas de controle direto. No Estado Novo, a partir de 1937, Getúlio se utilizou do rádio para fazer propaganda da sua ideologia política e criou até um programa *A Voz do Brasil*, na época *Hora do Brasil*, para ser o divulgador oficial do governo, principalmente dos discursos presidenciais.

Em cada Estado brasileiro, um representante era nomeado para controlar a chamada ditadura branca de Vargas. No Amazonas, coube ao amazonense Álvaro Maia o papel de representante máximo do governo Federal, e Maia foi decisivo para que no início da década de 30, a PRF-6 fosse integrada aos desígnios do governo federal. Dessa forma, se aproximando de questões políticas-administrativas, encerra-se, no Amazonas, a fase de Germinação da radiodifusão.

A era da Floração, apresentada por Nogueira (1999), inicia a partir da compra da Voz da Baricéa por Assis Chateaubriand, um dos jornalistas mais influentes da época, dono de uma rede de emissoras associadas. Diante disso, a emissora se consolidava sutilmente, chegando até mudar de nome, agora, denominada apenas de Baricéa. Em sua grade de programação, constava principalmente o entretenimento através de programas de calouros, como o comandado por Wuppschlander Lima, chamado "A Hora da Onça". Mas também havia espaço para informes, como a situação econômica do país, os informes sobre os produtos naturais comercializados na região, como a borracha, por exemplo, além de manter os avisos das chegadas e saídas de embarcações da capital e músicas variadas para atender o público ouvinte. Chateaubriand buscava concretizar um projeto ambicioso, de agregar as emissoras em uma Cadeia Nacional de Informação, por isso adquiriu também a Rádio Clube do Pará, mantendo seu foco em "unificar" as rádios na Amazônia.

Em 1943, Chateaubriand modifica a denominação da Baricéa para Rádio Baré, como costume de nomear suas emissoras de rádios com nomes de linhagem indígena. Liderada por funcionários das empresas associadas, a Rádio Baré, passou a seguir o mesmo padrão referencial das emissoras do eixo Rio-São Paulo, mantendo a ideia cadeia, arquitetada por Chateaubriand.

Anos mais tarde, após o período de 1945, pós Segunda Guerra Mundial, o rádio brasileiro passou por mudanças significativas, que desencadeou consequências no rumo da radiodifusão do país.

Nogueira (1999, p. 121) diz que “Esta modificação na personalidade não só dos veículos sonoros como impressos foi proporcionada pelo enfraquecimento da autocracia estadonovista, sobretudo em função da conjuntura que caracterizou o final dos conflitos mundiais.” Diante disso, passou-se a adotar, mesmo que de forma sutil, contestação por parte das emissoras, quanto a atuação do Estado, passando gradativamente da situação de avalistas para opositores. Segundo Nogueira (1999, p. 122):

Nesta fase, um ruidoso movimento de congregação da categoria dos profissionais da radiodifusão que, a esta altura, não só desejava se impor como classe politicamente articulada como pretendia fugir à condição de *anexo da categoria profissional dos comerciantes*, deu origem à Associação Brasileira de Rádio (ABR), cujo projeto ambicioso contemplava a defesa, orientação e união de todos que trabalhavam no rádio ou para ele, em qualquer função.

Neste contexto, em 24 de novembro de 1948, pelas mãos do ex-funcionário da rádio Baré, Josué Claudio de Souza, é inaugurada a Rádio Difusora do Amazonas. A nova emissora, que foi criada a partir de rupturas políticas, possuía frequência ZYS-8. “A partir dos anos 50, a Rádio Difusora passou a concorrer diretamente com a Rádio Baré, criando programas similares para cada atração existente na emissora rival”. (NOGUEIRA, 1999, p. 139).

Esta disputa pela audiência fez com que as emissoras investissem cada vez mais em atrações nacionais, artistas consagrados que ocupavam as programações de emissoras do eixo Rio-São Paulo. O cenário desta época consolidou a radiodifusão no Amazonas, e fez crescer no país um dos momentos mais importantes do rádio. De acordo com Prata (2008), as emissoras de rádio nos anos 50, superaram o choque tecnológico da chegada da TV, quando se apropriou de

novas linguagens para continuar forte em todo o país. E isso se explica graças a um processo inaugurado por Roger Fidler (1997), chamado de *mediamorfose*, que empregado para este universo em questão transforma-se em *radiomorfose*. Segundo Prata (2008, p. 76 apud FIDLER, 2011):

[...] como numa metamorfose, há a adaptação dos velhos meios às novas mudanças tecnológicas. Assim, ao invés de morrer, pelo princípio de sobrevivência, o meio antigo procura se adaptar e continuar evoluindo em seus domínios.

Neste cenário de afirmação do rádio como uma das principais forças da comunicação do Norte do Brasil, em 15 de novembro de 1954 nasce a rádio Rio-Mar com atributos diferentes das emissoras existentes até o momento, principalmente no que diz respeito a sua programação. A nova emissora, apesar da forma ainda rudimentar, preocupou-se em investir na produção jornalística, na contra mão das pioneiras, que neste cenário promoviam fortemente o entretenimento. A Rio-Mar serviu-se do estilo já consagrado do *Repórter Esso*, e passou a resumir os fatos do cotidiano a partir da famosa *tesoura press*, valendo das leituras dos jornais impressos da época. Segundo Prata (2008, p. 9-10):

Durante 18 anos, o jornalismo radiofônico se constituiu na leitura de notícias dos jornais, mas quando o Brasil entrou na Segunda Guerra ao lado das forças aliadas, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro lançou o *Repórter Esso*, que já funcionava, de forma experimental, na Rádio Farroupilha de Porto Alegre.

De acordo com Nogueira (1999), a Rio Mar, além de torna-se fundamental no contexto de consolidação do rádio no Estado do Amazonas, também foi responsável por guiar transformações na grade de programação das emissoras locais, que de forma gradativa se apegaram ao formato do radiojornalismo. Desta maneira, com a produção jornalística em alta no Amazonas, encerra-se a fase da Floração, com um público servido de programações variadas, entre entendimento e informação acerca do cotidiano amazonense e brasileiro.

A fase de Frutificação inicia em um contexto cada vez mais difícil para a radiodifusão, devido uma nova configuração mercadológica que colocava a TV como centro dos investimentos em comunicação. “Em virtude de um faturamento cada vez menor, as emissoras radiofônicas passaram a investir menos, tanto na produção de

novos programas quanto na aquisição de equipamentos e contratação pessoal técnico e artístico”. (NOGUEIRA, 1999, p. 177).

No entanto, Nogueira (1999) explica que para driblar o entretenimento popular da televisão, as emissoras aprenderam a trocar os artistas e estrelas por discos gravados, as radionovelas pelas notícias instantâneas, e os programas de auditório, tão populares nos *Anos de Ouro* do rádio, pelos serviços de utilidade pública. Também nesta época, o rádio passou a contar com os transistores, e agora o cidadão transportava o rádio a qualquer canto.

De acordo com Prata (2008, p. 11):

Uma inovação tecnológica importante marcou a história do rádio na década de 50: a chegada do transistor, que livrou o aparelho de fios e tomadas, proporcionando a criação de uma nova linguagem, apropriada para um veículo com alta mobilidade, que acompanha o ouvinte onde quer que ele esteja. Assim, a partir do transistor, o público pressuposto do rádio passou a ser um ouvinte móvel, o que não acontecia anteriormente quando as famílias se reuniam na sala ao redor de um garboso aparelho.

Também nesta época, as empresas decidiram investir em unidades móveis, o que agilizava o processo da transmissão rápida de informações para o público. Segundo Ortriwano (2003), com o encerramento da chamada ‘fase de ouro’, os trabalhadores do rádio adotaram ao cotidiano profissional ferramentas eletrônicas que favoreciam as transmissões jornalísticas. O reforço tecnológico de gravadores magnéticos, transistor, a própria FM e as unidades móveis, possibilitaram o renascimento dos veículos de rádio na época.

Em sua tese de doutorado, Prata (2008, p. 11) pondera sobre esta nova fase da radiodifusão:

Essa nova linguagem deu origem ao jornalismo radiofônico moderno, com foco na agilidade da informação. Isso significa que hoje a notícia no rádio envelhece rapidamente, já que é grande a ânsia pela informação cada vez mais nova.

Aliada a esta nova fase, é importante citar a instantaneidade aliada com a atenção do ouvinte ao ouvir o rádio, Prata (2008, p. 26 apud MEDITSCH, 1999):

Na década de 50, antes da invenção do transistor, acreditava-se que o tempo de atenção do ouvinte era de 15 minutos. Na década de 60 esse tempo passou para oito minutos, na década de 70 para quatro minutos, na década de 90 para três minutos e hoje algumas emissoras trabalham com o tempo de atenção em torno de 90 segundos.

Além do rádio e da TV passarem por tais mudanças, o jornalismo impresso se adaptou ao momento e cada formato tentava seu lugar no mercado da comunicação brasileira. Neste cenário, um marco importante para o rádio amazonense foi a chegada da primeira rádio de Frequência Modulada (FM) no Estado, a rádio Tropical. A emissora, inaugurada oficialmente em 15 de março de 1966, proporcionou uma qualidade de áudio maior que as concorrentes, e de acordo com Nogueira (1999), isso se deu em virtude da estratégia de manter o rádio no páreo da audiência no estado. Com a chegada da FM ao Amazonas, se concretiza a fase da modernização da comunicação no estado.

De acordo com Ortriwano (2003), as possibilidades encontradas a partir da exploração da frequência modulada (FM), possibilitaram aos veículos de comunicação de rádio desempenhar atrações cruciais na concorrência diante da TV, dentre os quais destaca-se o aspecto do cotidiano local, que passou a ser exposto de forma mais contundente.

Com quatro emissoras consolidadas (Baré, Difusora, Rio Mar e Tropica), além da própria TV, que já era viável aos amazonenses, a competição por audiência se tornou muito forte, e essa característica foi determinante para o crescimento da difusão na região, pois todos se redobram em seus esforços para manter a emissora no ar e com credibilidade.

Na sequência histórica do rádio no Amazonas, é importante citar a criação em 15 de dezembro de 1975, com base na Lei nº 6.301, da Empresa Brasileira de Radiodifusão, a RadioBrás, que foi criada pelo então presidente Geisel. A nova empresa chega na busca de centralizar a organização das empresas de comunicação, em especial o rádio. Nogueira (1999) explica que as pretensões conglomeravam tanto a solução para penetrações de transmissões subversivas nas faixas de fronteiras, quanto a nacionalização das rádios no Brasil, na busca de uma unificação operacional das emissoras. A autora Edilene Mafra, na dissertação de seu mestrado em 2011, afirmou que o novo sistema foi criado para integrar a Amazônia ao restante do Brasil em desenvolvimento, pois as características da região interpretadas pelas pessoas do sul e sudeste ainda centrava-se em uma região exótica, em meio à floresta.

Um outro ponto determinante na história da radiodifusão na região, ocorre a partir do Decreto-Lei nº 200, datado em 25 de fevereiro de 1967, que instituiu na estrutura de governo brasileiro um ministério exclusivo às telecomunicações, constituída a Embratel, concebido o Projeto Radiobrás e criada Telebrás (1972). Esses novos órgãos, de acordo com Nogueira (1999), alavancaram o desenvolvimento, em âmbito nacional, da comunicação por satélite e suas aplicações no rádio (som) e na TV (imagem e som).

Nogueira (1999), demonstra que em um contexto de transformações sociais e políticas no Brasil, e conseqüentemente no estado do Amazonas, é possível compreender e exaltar a importância das emissoras de rádio para o desenvolvimento da região Norte e sua integração ao restante do país. O autor batiza o nono capítulo do livro “O rádio no país das Amazonas”, como “Floresta de Antenas”, numa metáfora da grande floresta amazônica com o processo de propagação das emissoras, radiofônicas, ou não, no estado do Amazonas.

2.3 Transformações e adaptações

No processo histórico relatado no tópico anterior é possível observar mudanças na perspectiva da produção diária do rádio. Essas transformações foram responsáveis pela adaptação e fortalecimento da radiodifusão como o meio de comunicação de massa mais presente nos lares amazônicos, até hoje. Bianco (2004a) discute com base em Pierre Lévy sobre cibercultura, e afirma que a tecnologia, que provem do homem, se aplicada num determinado contexto social e cultural é capaz de carregar consigo projetos, significados, esquemas imaginários e resultados diversos.

Desta maneira, o contato direto com as mudanças provocadas pela tecnologia automaticamente altera as ações diárias do ser humano, e condiciona novos costumes cotidianos. Foi assim com os primeiros aparelhos de rádio, e é assim com os *smarthphones* da atualidade. Ainda de acordo com Bianco (2004a, p.3):

A revolução tecnológica de hoje muda a experiência de mundo, assim como aconteceu na Revolução Industrial, quando surgiram novas relações técnicas de produção, relações sociais e de poder baseadas na propriedade

privada dos meios de produção e no tipo de superestruturas características do capitalismo.

No que diz respeito aos meios de comunicação, muito ainda se discute sobre as transformações provocadas pelas mídias digitais ao longo do tempo. De acordo com Bianco (2004b), com base nos estudos de David Bolter e Richard Grusin (1999); Marshall McLuhan (2000) e Roger Fidler (1997) os conceitos de *remediação* e *mediamorfose* ajudam a explicar o cenário dessas discussões.

Segundo Bolter e Grusin (1999 apud BIANCO, 2004b, p.1):

O processo de transformação é por remediação, ou seja, por meio de remodelagem mútua. Tanto as mídias tradicionais buscam se adaptar ao mundo digital, remodelando seus produtos com base na nova lógica, como os meios emergentes remodelam os antigos.

Ligado a este pensamento, está a opinião proposta por McLuhan (2000 apud BIANCO 2004b), que acreditava que o processo de mudança se dava por *hibridização*, que consiste na liberação de força ou energia por fissão ou fusão, e dessa maneira estabelece o instante de verdade e revelação do qual surge a nova forma.

Neste contexto, Roger Fidler (1997 apud BIANCO 2004b) desenvolveu o conceito de *mediamorfose*, a qual defende que as novas mídias não nascem espontaneamente e independentes, porém surgem gradativamente a partir da metamorfose das antigas. Isto é, o autor defende a complementaridade dos meios, de modo que as novas ferramentas midiáticas não pulverizam necessariamente as práticas existentes previamente.

Segundo Nair Prata (2008, p. 61), esse fenômeno foi fundamental quando a TV ameaçava a produção radiofônica:

A teoria de Fidler (1997) é claramente aplicável ao rádio e às reflexões propostas por esta tese. Assim, poderíamos afirmar que o rádio dos anos 50, através do processo de radiomorfose, superou o impacto tecnológico do advento da TV e buscou uma nova linguagem. O veículo não morreu, apenas se transformou.

De acordo com Guerreiro (2019, p. 8) no artigo denominado “Transformações da Rádio Alvorada de Parintins no Advento das Tecnologias”, o rádio é um exemplo de resiliência diante da ‘ameaça’ das transformações ligadas a comunicação popular.

Por ser um meio de comunicação veterano e precursor da TV e da internet, é um exemplo clássico de adaptações provenientes da convergência midiática, que se caracterizaram como necessárias para sua sobrevivência, o que levou a sua melhor estruturação, ao contrário do que se temia inicialmente, seu desaparecimento.

Nos tempos atuais, é a internet quem encontra terreno próspero para sua expansão e dinamismo, e os veículos de comunicação tradicional buscam adaptar-se à esta realidade tecnológica para se manter em alta nos espaços populacionais em todo o mundo. Com o rádio não é diferente, pois assim como ocorreu durante o aparecimento da TV, a internet também acarretou mudanças na forma de pensar, organizar e produzir material para a radiodifusão.

Neste cenário, onde tudo está conectado, o conceito de *convergência tecnológica* ganha notoriedade ao suscitar novas possibilidades em um único universo, acessível para a grande massa, a qualquer momento. Os meios de comunicação passam fazer parte do ambiente da internet, em especial dos dispositivos móveis. Bianco (2012, p. 16):

É um fenômeno típico da convergência tecnológica caracterizada por um sistema de informação em rede, formado pela conjunção da informática, telecomunicações, optoeletrônica, computadores e que incluiu dispositivos móveis e meios tradicionais de comunicação.

E nesta conjunção é completamente comum a realização de tarefas distintas, feitas ao mesmo tempo. “Nesse ambiente é possível navegar em páginas da internet, trocar informações, assistir TV, ouvir rádio, tudo em tempo real”. (BIANCO, 2012, p. 16)

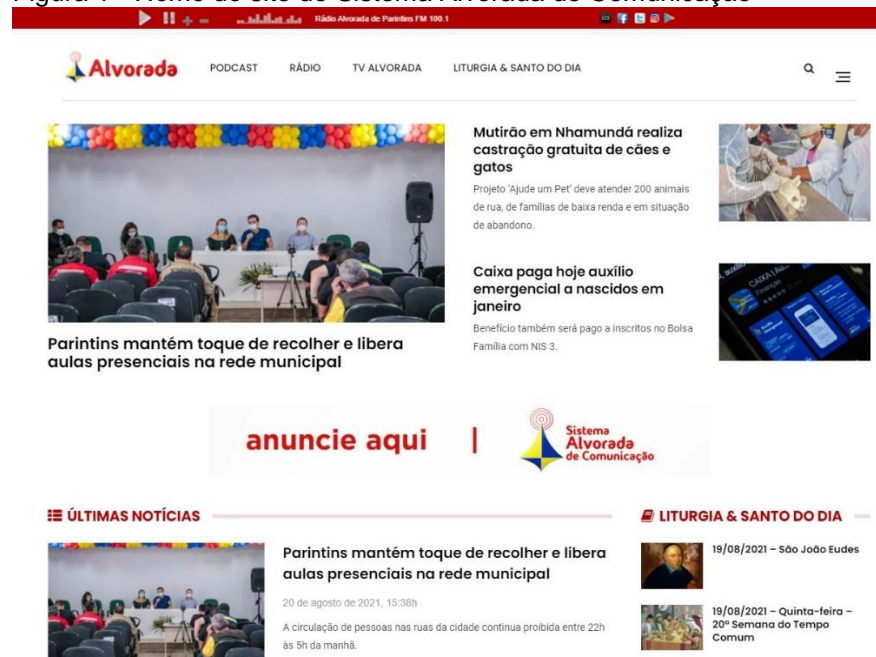
E como fica o rádio? A convergência é benéfica? Quais são os mecanismos usados pelas emissoras para continuar como uma forte opção de informação, de entretenimento, de prazer? Ainda segundo Bianco (2012, p. 82): “O acesso a notícias e conteúdos é um processo cada vez mais dinâmico, e a atenção que antes parecia ser focada em uma única atividade, hoje se dispersa entre diversos canais e plataformas”. Uma das maneiras encontradas pelas emissoras para se fazer presente dentro deste contexto foi a utilização de *players* para transmissões *online*, instaladas nos *web sites* criados com esta finalidade, e que por vezes também são alimentados por textos, fotos, vídeos, gráficos e notícias de modo geral. Segundo a

autora Nair Prata (2008, p. 28), a chegada da internet acarretou novas formas de reproduzir o conteúdo radiofônico.

O advento da internet, porém, faz surgir uma nova forma de radiofonia, onde o usuário não apenas ouve as mensagens transmitidas, mas também as encontra em textos, vídeos, fotografias, desenhos, hipertextos. Além do áudio, há toda uma profusão de elementos textuais e imagéticos que ressignificam o velho invento de Marconi.

Em Parintins, um exemplo claro desta adaptação ocorre com o site do Sistema Alvorada de Comunicação, que disponibiliza, além das notícias diárias, a programação ao vivo da Rádio Alvorada, com um *player* na parte superior da tela, em vermelho (Figura 1). O ouvinte, que agora também é internauta, pode ter acesso ainda a informações do programa que está no ar naquele determinado momento. Além disso, existe a possibilidade do compartilhamento da transmissão *online* para outros espaços virtuais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, por exemplo.

Figura 1 - Home do site do Sistema Alvorada de Comunicação



Fonte: www.alvoradaparintins.com.br

Além da possibilidade do compartilhamento do conteúdo pelos ouvintes/internautas nas redes sociais, as emissoras também passaram administrar páginas nesse território virtual, responsáveis por difundir *hiper links* de forma a

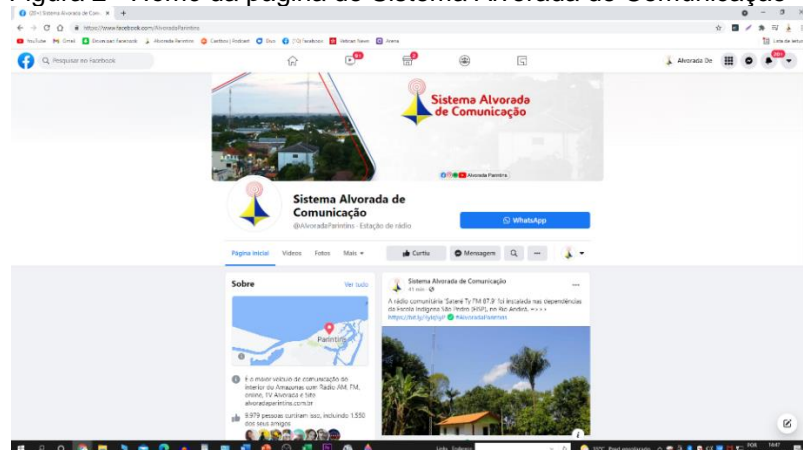
informar e entreter o público. Bianco (2012, p. 29) apresenta pelos menos três pontos fundamentais para a consolidação das emissoras de rádio nas redes sociais.

A princípio ter uma *fan page* ou um canal numa das mídias sociais existentes é o primeiro passo. O segundo é fazer com que a produção do seu conteúdo seja visto por muitos, o que implica entregar o conteúdo formatado para aquele suporte. E, por fim, se fazer ouvir.

É importante destacar que manter-se presente nas redes sociais requer um acompanhamento e atualização célere das publicações, aumentando desta maneira o engajamento/crescimento. No contexto das discussões sobre convergência tecnológica, entra a questão da mão de obra, na qual agora os profissionais devem possuir um conhecimento específico sobre este nicho em particular da internet, as redes sociais.

Ao analisar outra vez a convergência exercida pelo Sistema Alvorada de Comunicação, é possível notar seis *fan pages*, criadas em quatro redes sociais distintas. No *Facebook*, existem as páginas ‘Sistema Alvorada de Comunicação’ (Figura 2) e ‘TV Alvorada Parintins’, além do perfil ‘Alvorada Parintins’. No *Instagram*, há uma conta no endereço @alvoradaparintins. No *Twitter*, a audiência conta com o @alvoradapin e existe também um canal no *YouTube*, denominado ‘Alvorada Parintins’.

Figura 2 - Home da página do Sistema Alvorada de Comunicação



Fonte: www.facebook.com/AlvoradaParintins

Neste cenário de transformações vivenciadas no rádio, mais recentemente, a realidade dos *podcasts*, produção de *streaming* conhecido mundialmente, também

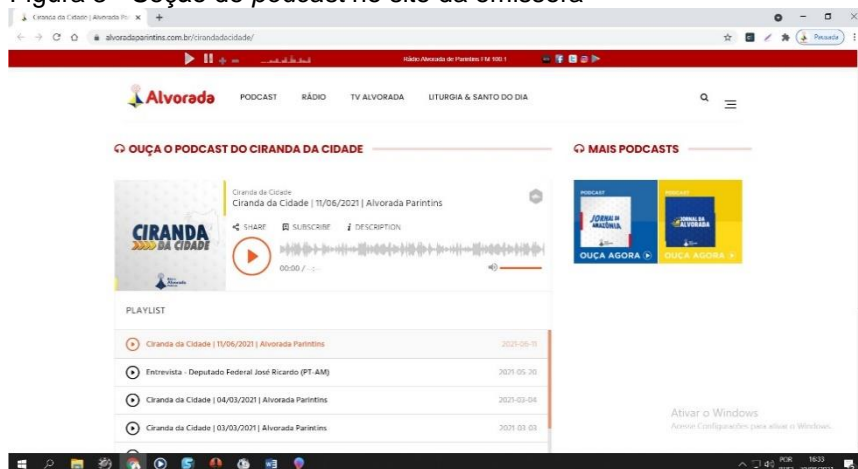
merece menção pelo enorme território alcançado nos últimos anos, ainda que com base no entendimento de Nair Prata (2008, p. 74), o serviço não possa ser considerado rádio.

É claro que, com as novas tecnologias, muitas mídias precisam de uma nova definição e o rádio é uma delas. Mas o podcast não pode ser rádio, na plena acepção da palavra. Para ser rádio, falta ao podcast a essencial emissão no tempo real do ouvinte e da sociedade no qual está inserido.

Os *podcasts* oferecem ao público a possibilidade da reprodução de arquivos em áudio pela internet, e mais recentemente com a adição de imagens do estúdio de gravação. Neles, no mínimo duas pessoas debatem temas diversos e atraem cada vez mais uma audiência fiel ao serviço. Em conformidade com o texto do jornalista Diego Assis, publicado em abril de 2005, na Folha de São Paulo, Nair Prata (2008, p. 74) explica que: “O *“podcast”* é um arquivo de áudio digital que pode ser gravado por qualquer pessoa e disponibilizado na Internet, por meio de blogs e sistemas desenvolvidos especialmente para transmiti-lo a um grupo de assinantes”.

Em mais um exemplo da convergência midiática, o Sistema Alvorada de Comunicação disponibiliza no site da emissora, as edições do Jornal da Alvorada, Jornal da Amazônia, e do programa Ciranda da Cidade, em arquivos de *podcast* (Figura 3), que ficam disponíveis a qualquer momento na internet, no endereço www.alvoradaparintins.com.br/podcast/

Figura 3 - Seção de *podcast* no site da emissora



Fonte: www.alvoradaparintins.com.br/podcast/

3 FAVOR RETRANSMITIR AO DESTINATÁRIO

3.1 Rádio Alvorada, a pioneira em Parintins

A Rádio Alvorada foi a primeira emissora de radiodifusão a surgir em Parintins, inaugurada oficialmente no dia 1º de outubro de 1967, em Ondas Médias 1380 kHz, com 1kw de potência. É importante citar, no entanto, que a emissora atuou em meses anteriores em caráter experimental, com uma programação basicamente musical, com transmissão diária de aproximadamente seis horas (DIOCESE DE PARINTINS, 2007).

Antes desses acontecimentos supracitados, é necessário compreender o contexto na qual estava inserido o projeto de criação da emissora, que emerge dos braços do catolicismo, criada pela então Prelazia de Parintins, sob liderança de dom Arcângelo Cerqua (in memoriam). Em 1963, a Igreja Católica vivia um momento singular, marcado por grandes revoluções: O Concílio Vaticano II. As discussões provocadas neste evento originaram documentos que passaram a nortear os trabalhos da igreja no mundo inteiro, e um deles chamou a atenção de dom Arcângelo Cerqua, naquele momento bispo prelado de Parintins: o *Decreto Inter Mirifica*, promulgado em 4 de dezembro de 1963. “A 4 de dezembro de 1963 o Concílio Vaticano II emanava o Decreto sobre as Comunicações Sociais, lembrando o dever de aproveitar da técnica moderna para uma maior difusão da mensagem Evangélica”. (CERQUA, 1980, p. 187).

Neste documento, o então Papa Paulo VI, deixa claro a intenção da igreja:

À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e toda a sua obra de salvação das almas; compete, porém aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo gênero humano. (CONCÍLIO VATICANO II, *Inter Mirifica*, art. 3).

Ao contextualizar o interesse da igreja pelas comunicações sociais à realidade amazônica, o então bispo desejou estreitar relações com a população rural do município.

A promulgação do documento e o desejo que já era presente no íntimo de Dom Arcângelo a respeito da criação de um instrumento que pudesse tirar o povo ribeirinho do isolamento e que, ao mesmo tempo, fosse usado como meio de Evangelização, foram certamente o impulso necessário para os primeiros passos nesta direção: a criação de uma rádio em Parintins, que contava com cerca de 30 mil habitantes à época. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 6)

Com o incentivo oficial da igreja e o interesse de dom Arcângelo, o projeto começava a ganhar impulso, passando a contar com o apoio político dos ex-deputados Rafael Faraco e Raimundo José Esteves, e ainda com o suporte técnico do engenheiro Dr. Carlos Shermann. Nesta época, a ajuda de três sacerdotes foi fundamental, Pe. Francisco Luppino, Pe. Rafael Magni e Pe. José Peschechera.

Com o projeto pronto e enviado para aprovação do governo federal, por intermédio de padre Francisco Luppino, Dom Arcângelo começou a erguer o prédio para receber os equipamentos da nova rádio.

O amigo e colaborador engenheiro Carlos Shermann foi o responsável por projetar as instalações necessárias para rádio e, a partir de então, já começaram os trabalhos de construção do prédio, na Travessa Macurani, atual Rua Governador Leopoldo Neves, bem próximo ao terreno onde já estava sendo construída a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 8)

No dia 5 de maio de 1965, chegava a informação, via telegrama, da aprovação do projeto pelo então presidente da República, Castelo Branco, o que representava naquele momento a confirmação da concessão para abertura oficial da emissora. No dia 11 do mês seguinte, conforme os escritos de dom Arcângelo Cerqua (1980), Pe. Francisco Luppino assinava como procurador o contrato com a Comtel, que na época representava o governo federal. Agora oficialmente havia um prazo de dois anos para o funcionamento da nova emissora. “Em 11 de novembro daquele mesmo ano, um avião da FAB (Força Aérea Brasileira) fez chegar a Parintins o transmissor e outros equipamentos que seriam usados nas instalações”. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 8).

Para gerenciar a futura rádio parintinense, dom Arcângelo escolheu uma mulher: a Srta. Raimunda Ribeiro, que recebeu a missão de organizar toda parte funcional da emissora.

Para melhor resultado, o prelado a enviou para fazer breves experiências na Rádio Rural de Santarém e na Rádio Rio Mar de Manaus [...] para

completar a experiência, Raimunda Ribeiro foi ao Rio de Janeiro fazer um curso de Gerência de Rádio, afim de aumentar seus conhecimentos na área, além do intercâmbio com emissoras do sul e sudeste do país. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 8)

Dona Raimunda, como é conhecida popularmente até hoje, é peça primordial na trajetória administrativa da Rádio Alvorada. Em uma entrevista concedida à TV Alvorada, em 2020, já aposentada, relatou:

Ela [Rádio Alvorada] alcançou os objetivos que o dom Arcângelo queria, principalmente em no sentido de educar, informar, divertir e evangelizar. A gente conseguiu colocar em prática o planejamento e ficamos contentes por isso, pois foram anos de dedicação. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista à TV Alvorada, 2020)

No mês de maio de 1967, a Rádio Alvorada contava com todas as instalações prontas e detinha a concessão publicada no Diário Oficial da União (DOU), e por isso podia ser inaugurada oficialmente. Mas a solenidade foi adiada para 1º de outubro, ocasião em que o Núncio Apostólico, o representante do Papa, estaria presente em Parintins. Desta maneira, com a liberação legal para funcionar, a emissora passou a operar em caráter experimental, até a solenidade do mês de outubro.

Foi neste período que surgiu o objeto de estudo desta monografia, o responsável por estreitar a comunicação entre os ribeirinhos. “Na segunda quinzena de julho, foi anunciada a estreia do programa “Mensageiro da Amazônia” que até os dias de hoje é sinônimo de integração entre a cidade e o interior [...]”. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 9)

Depois dos meses de experiência e conforme o planejado, a Rádio Alvorada de Parintins foi fundada oficialmente em 1º de outubro, com a presença do Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio. Ainda nos primeiros anos, já se planejava o aumento da potência dos transmissores para 5kw, fato que foi oficializado no final dos anos 60. Com a chegada dos anos 70, os planos ficaram cada vez mais audaciosos e a Rádio Alvorada passou a contar com um novo canal: as Ondas Tropicais (OT), com a concessão aprovada em 27 de fevereiro de 1978, e a inauguração oficial em 1º de outubro de 1979. Todo este processo de estruturação foi coordenado por Pe. Emílio Butelli, formado em Eletrônica na Itália. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007).

A Rádio Alvorada passou a contar com dois canais: OM¹ (Ondas Médias) e OT² (Ondas Tropicais), ambos com 5kw de potência. Ainda assim, na década de 80, uma nova fase é inaugurada na trajetória histórica da emissora. “Devido à necessidade de atender a um segmento específico da audiência, a juventude da cidade e do interior, foi inaugurada a terceira emissora de rádio: a Alvorada FM³ (Frequência modulada), com 1kw de potência, no dia 08 de dezembro de 1986 [...]” (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 13)

A Rádio Alvorada FM se tornou sensação entre os mais jovens, principalmente por conta da grade de programação voltada especificamente para a música. A nova estação da emissora foi responsável por lançar grandes nomes desse estilo de rádio em Parintins, como: Jurandir Laurindo, Klinger Araújo, James Delon, Warly Júnior, Charles Cardoso, e Antôni Deusdeth, o Toninho. Era evidente que agora não se tratava apenas de uma só emissora de rádio, criada na década de 60, a empresa católica cresceu e formou um sistema único, chamado ‘Sistema Alvorada de Comunicação’.

Nesta trajetória de consolidação, a figura de um sacerdote é unânime: padre Henrique Uggé, responsável por gerir a programação e realizar encontros de formação do quadro de funcionários. Foi ele também o responsável, em 07 de maio de 1994, pela organização da primeira edição do Jornal Novo Horizonte, o periódico impresso que marcou gerações em Parintins, o qual apresentava os desdobramentos dos fatos que eram noticiados no rádio. Com intuito de promover melhorias para a comunicação local, sob orientação de Pe. Luppino, é criada em 1994 a Fundação *Evangelii Nuntiandi*, que recebeu a permissão de radiodifusão sonora da Rádio Alvorada de Parintins Ltda. Com a decisão, a emissora passou a ser representada juridicamente pela nova fundação, e permanece até os dias atuais. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 18 e 19)

¹ Modalidade de serviço de radiodifusão que opera nas faixas de 525kHz a 1.605kHz e 1.605 kHz a 1.705kHz, com modulação em amplitude.

² Modalidade de serviço de radiodifusão que opera nas faixas de 2.300kHz a 2.495kHz, 3.200kHz a 3.400kHz, 4.750kHz a 4.995kHz e 5.005kHz a 5.060kHz, com modulação em amplitude.

³ Modalidade de serviço de radiodifusão que opera na faixa de 87,8MHz a 108MHz, com modulação em frequência. Mais informações em: <http://sertpr.org.br/definicoes-utilizadas-radiodifusao/>. Acesso em: 19 agosto 2021.

Dois anos mais tarde, no dia 20 de outubro de 1996, o Sistema Alvorada de Comunicação inaugura um novo empreendimento, a TV Alvorada, retransmissora da Rede Vida, canal 4 na programação. “Além de retransmitir a grade da Rede Vida, a TV Alvorada logo emvidou esforços para a transmissão de uma programação local, que tivesse as características da região”. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 21)

Em mais de 50 anos de história, a Rádio Alvorada coleciona histórias e faz parte da memória das populações que acompanham a sua programação. De acordo com Lucely Monteiro (2019), o sinal da emissora ultrapassa limites geográficos e alcança diversas cidades da região.

A Rádio Alvorada de Parintins está presente no estado do Amazonas, incluindo as cidades de Parintins (e comunidades rurais), Barreirinha, Nhamundá, Boa Vista do Ramos, Urucurituba e do estado do Pará, que inclui Juruti, Faro, Óbidos, Oriximiná, Alenquer, Terra Santa, Rurópolis e Santarém. (MONTEIRO, 2019, p. 44)

Atualmente, a Rádio Alvorada de Parintins opera com duas estações de rádio, em Ondas Médias (AM 1380) e Frequência Modulada (FM 100.1), além da programação *online*, no site *alvoradaparintins.com.br*. As Ondas Tropicais (OT 4965 kHz) foram desativadas no dia 31 de dezembro de 2019, em virtude dos elevados custos para manutenção dos equipamentos técnicos, segundo informou o diretor da emissora da época, padre Carlos Caridade, em entrevista concedida ao site Alvorada, ao repórter Liam Cavalcante.

A programação diária inicia às 5 horas e termina às 23 horas, durante todos os dias da semana. Nos domingos, excepcionalmente, os transmissores são desligados às 22 horas. A grade é variada, com jornais locais, regionais e nacionais, programas musicais de entretenimento, e em todos os turnos são veiculados programas de cunho religioso voltados à fé cristã católica. Além disso, existem os programas institucionais ou livres, que são produzidos de maneira independente e as informações neles expressas são de total responsabilidade dos organizadores. As transmissões ao vivo também merecem destaque, como as missas diárias, direto da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, as partidas de futebol ou futsal, das praças esportivas da cidade, e os grandes eventos culturais, como o Carnailha (Carnaval), da ‘Paraíba do Samba’, e o Festival Folclórico de Parintins, da arena do Bumbódromo.

A Rádio Alvorada assume o papel de ser a voz da Igreja Católica na região, mas não se limita somente à propagação do catecismo cristão, exerce a função de ser a emissária dos fatos que marcam a vida social da cidade, do interior, da região, do Brasil e do mundo, sem deixar de lado o seu regionalismo característico, que é a ponte de aproximação com os ouvintes. Ao se entusiasmar com o *Decreto Inter Mirifica*, dom Arcângelo desejou isso. “Além do mais precisava tirar nosso povo do interior do isolamento que jazia abandonado”. (CERQUA, 1980, p. 187).

O próximo item narra a história, a contribuição social para a cidade de Parintins, a relação das comunidades ribeirinhas e a dinâmica de apresentação do programa Mensageiro da Amazônia, objeto de estudo desta monografia.

3.2 O Mensageiro da Amazônia

Como já mencionado anteriormente, a presença das emissoras de rádio na região amazônica é de uma importância fundamental para as comunidades ribeirinhas, principalmente nas quais a internet móvel ou fibra ótica ainda é uma realidade distante. É importante salientar que a ausência desse serviço em nada representa atraso ou retrocesso, é que o ribeirinho detém a sua própria maneira de se comunicar e principalmente de se conectar com outras localidades.

Em sua tese de doutorado, intitulada “Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade”, Neves (2019, p. 43) reforça a relevância das rádios para o convívio social das comunidades ribeirinhas.

As ondas comunicativas do rádio ressoam e têm interconexões com as vozes comunitárias existentes geralmente nas comunidades ribeirinhas urbanas e são os principais meios de comunicação que os moradores têm para veicular notícia dentro das comunidades e com as comunidades do entorno da floresta.

Neste contexto, a oralidade se apresenta como principal forma de integrar as populações tradicionais ribeirinhas, e conforme ressalta Neves (2019, p. 43-44), essa particularidade ajuda a entender o universo comunicativo próprio existente nas comunidades ribeirinhas.

Há um universo de linguagem e comunicabilidade próprio contido nos avisos, que ajudam a alimentar a ideia de redes na acepção de interação, de trocas materiais e simbólicas entre seus moradores. A escrita dos avisos é a versão tal qual os ribeirinhos urbanos falam no seu cotidiano, e a transmissão da mensagem é sempre confiada por terceiros, o que nos revela uma interconexão disseminada em rede, pela cultura ribeirinha entre essas comunidades e os espaços de cidades ribeirinhas.

É por este motivo que o Mensageiro da Amazônia desponta como um dos maiores símbolos do rádio parintinense e da força da comunicação tradicional, por dar voz aos ribeirinhos, à sua maneira de falar, de trabalhar, de conviver e viver a rotina amazônica. “Daí a integração perfeita do homem do interior com o rádio: ambos têm tradição oral”. (MONTEIRO, 1996, p. 95).

Ele nasceu ainda nos primeiros meses de atuação da Rádio Alvorada, criado com intuito de facilitar a comunicação entre localidades distantes, em especial as comunidades ribeirinhas. Por meio dele, os ouvintes podem escrever e veicular avisos, recados e comunicados de utilidade pública. Ele é o ‘Mensageiro da Amazônia’, programa que cresceu junto com a história da emissora, pensado ainda em 1967, na fase experimental da casa, como já mencionado anteriormente. “Antes do rádio o contato só era possível através de cartas levadas por embarcações em viagens feitas uma vez por semana”. (DIOCESE DE PARINTINS, 2007, p. 92).

O programa é também a ponte de informação entre os órgãos públicos, as associações, os sindicatos, as escolas e as paróquias da cidade. Cada um desses setores veicula comunicados, programações e até intimações, como é o caso da Polícia Civil, durante o programa. Por ter uma audiência fiel, ele também gera receitas para a emissora ao propagar comerciais diversos, de empresas que escolhem a dedo o ‘horário dos avisos da Rádio Alvorada’ para vender o seu produto.

É o responsável por estreitar as distâncias geográficas e até mesmo guiar a rotina das populações ribeirinhas. A construção da narrativa histórica e a análise da estrutura do programa foram escritas após a realização de entrevistas com a ex-diretora da Rádio Alvorada, dona Raimunda Ribeiro da Silva, com o locutor de rádio e um dos ícones do programa, Flávio Luiz, e com a atual diretora da emissora, Lucely Monteiro, que na ocasião ainda responde pela direção de programação da Rádio Alvorada. Também foi feita a catalogação dos avisos, na seção responsável

por recebê-los diariamente, com intuito de categorizá-los e exemplificá-los nesta produção acadêmica.

Mais adiante, é apresentada uma análise atual do programa, a qual leva em consideração as interferências de novas ferramentas de comunicação digital que possibilitam o envio de avisos instantâneos, com base em duas idas realizadas *in loco* em duas comunidades diferentes. O propósito é investigar o impacto dos aplicativos de mensagens na audiência e utilização do Mensageiro da Amazônia pelas populações ribeirinhas nos dias de hoje, para conferir se ele sofre ou passou por mudanças em virtude disso ao longo de sua história.

A abertura marcante consagrada na voz do radialista Flavio Luiz, 65 anos, denotou por muitos anos o início da leitura dos comunicados: *'Em Parintins são onze horas e cinco minutos. Bom dia, amigos, está no ar a primeira edição do Mensageiro da Amazônia, para levar o seu aviso e a sua mensagem como ou aonde você desejar. E atenção para os avisos'*. Este é o Mensageiro da Amazônia, que há 54 anos se mantém na grade de programação da Rádio Alvorada para informar e integrar as populações amazônicas, em especial as comunidades ribeirinhas.

Dona Raimunda Ribeiro da Silva, 84 anos, me recebeu em sua residência em uma tarde de calor intenso, típica do mês de setembro. Sempre muito receptiva me convidou a adentrar sua residência e me ofereceu um copo d'água. Puxou uma cadeira para si, trouxe umas anotações na mão e pediu para eu me acomodar ao seu lado. Com uma voz rouca e serena, sem pressa, respondeu aos meus questionamentos. Relatou durante aquele fim de tarde, com orgulho, trechos da memória que foram vividos durante os 49 anos em que conduziu a emissora católica parintinense.

Sobre o Mensageiro da Amazônia, ela narra que a ideia da criação do programa surgiu do próprio dom Arcângelo Cerqua, então bispo da Prelazia de Parintins, que necessitava mandar avisos inerentes à igreja:

O objetivo era a comunicação, haver essa comunicação entre o povo da área rural e o pessoal da cidade, o que era muito difícil na época. Acontecia que os padres tinham que se deslocar para as comunidades, ou eles vinham de lá *pra cá pra cidade*. Aí o dom Arcangelo achou melhor que houvesse uma comunicação mais rápida, prática, e aí então eles começaram a mandar aqueles avisos *pra rádio*. E realmente atendeu esse

objetivo. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista de campo, em setembro de 2021)

Não demorou muito, os avisos começaram a se popularizar e a Rádio Alvorada começou a receber comunicados para além do serviço da igreja católica.

Depois, qualquer coisa que era preciso, a morte de alguém, a doença de alguém, o pessoal mandava recado *pra* alguma família ou mesmo *pra* alguém específico, *pra* todo mundo que eles precisavam se comunicar, eles mandavam avisos. Então foi assim a criação, e foi uma coisa realmente boa. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista de campo, em setembro de 2021)

De segunda-feira à sexta-feira, o Mensageiro da Amazônia era veiculado três vezes ao dia: às 11 horas, às 13 horas, e às 19 horas. Aos sábados e domingos, o programa ia ao ar somente às 11 horas. Segundo Raimunda Ribeiro, cada edição durava em média sessenta minutos, com uma leitura livre de comunicados que se sucediam, sem a necessidade de um BG (*background*). A única inserção sonora era no momento da abertura e do encerramento, com uma música que até hoje é usada e se mantém como forte característica do programa.

Ainda de acordo com a ex-diretora, nos anos posteriores, com o advento da TV e de outras emissoras na cidade, o número de avisos diminuiu, mas ainda assim o momento representava o pico de audiência da Rádio Alvorada. Verifica-se neste ponto o primeiro registro de interferência sofrido pelo Mensageiro da Amazônia por outros canais de comunicação emergentes na época, embora naquele período o programa tenha se mantido forte, conforme explicou a ex-diretora.

Ao compararmos com a atualidade, percebe-se uma redução drástica no número de comunicados lidos durante o programa, o qual conta hoje com uma duração média de vinte minutos. Outro ponto importante a se analisar, se dá ao fato de que a partir do ano de 2020 o Mensageiro da Amazônia passou a ser veiculado somente de segunda-feira a sexta-feira, em um único horário, às 11 horas e 30 minutos.

Sobre essa redução drástica nos avisos e a tomada de decisão de colocá-lo no ar somente uma vez ao dia, a atual diretora do Sistema Alvorada de Comunicação, Lucely Monteiro, que me recebeu no estúdio da Rádio Alvorada AM, local onde por diversas vezes o Mensageiro da Amazônia foi ao ar, explicou que a pandemia da Covid-19 impactou diretamente na chegada de avisos à emissora.

No início da pandemia, os avisos ficaram escassos. As pessoas ficaram mais isoladas em casa e muitas hoje já tem a possibilidade de ter o celular, inclusive na zona rural. As pessoas já não traziam aqui, mas sim ligavam *pra* gente e pediam para veicular o comunicado que fosse durante os outros programas. Por conta disso, não havia mais a necessidade de ter três edições do Mensageiro, foi então que a gente acabou condensando em uma só, uma vez que era um ou dois avisos, a gente já divulgava no horário da manhã ou à tarde (LUCELY MONTEIRO, diretora do Sistema Alvorada de Comunicação, entrevista de campo, em setembro de 2021)

Outro fato que deve ser levado em consideração para a condensação do Mensageiro da Amazônia em uma única edição ao dia, segundo Lucely Monteiro, diz respeito à proibição para a realização das festas religiosas nas comunidades ribeirinhas do entorno do município, em virtude do cenário epidemiológico imposto pela pandemia.

Um volume bem grande dos avisos que nós tínhamos era convidando para festas de padroeiro, convidando para torneios beneficentes nas comunidades, ou eram as famílias que realizavam festas particulares em devoção aos santos católicos. Esse era um ramo de aviso que tinha bastante, e com a pandemia tudo parou, não há mais festa, então não há mais convite. (LUCELY MONTEIRO, diretora do Sistema Alvorada de Comunicação, entrevista de campo, em setembro de 2021)

Dona Raimunda recorda que os avisos eram veiculados a partir do pagamento de uma taxa, cobrada para ajudar nos custos da emissora. Junto com o Mensageiro da Amazônia, a Rádio Alvorada também tinha outro programa de sucesso, o Melodia para Você, cuja dinâmica era parecida com o programa de avisos, mas no lugar dos comunicados, a audiência oferecia músicas por meio de cartas entregues na recepção da emissora e que eram lidos no ar. Nesse último, também era cobrado um valor simbólico para sua veiculação.

A Alvorada se sustentava dessa forma, foi uma época em que a rádio sobreviveu mais com isso, dava bastante aviso, bastante melodia e o dinheiro era suficiente para manter a emissora. Mais tarde, quando chegou a televisão e outros meios de comunicação, foi diminuindo mais esses recados no rádio. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista de campo, em setembro de 2021)

Atualmente, os avisos simples (utilitários) são veiculados a partir do pagamento de R\$ 5,00. Esse valor dobra cada vez que o comunicado é repetido no ar. Segundo Lucely Monteiro, os valores referentes aos avisos do Mensageiro da Amazônia hoje em dia não suprem qualquer demanda de despesas da emissora.

É um valor muito simbólico e vale lembrar que as instituições como Poder Judiciário, Comissariado da Infância e Juventude, Conselho Tutelar, Secretarias e demais repartições públicas são órgãos em que a rádio presta esse serviço gratuitamente, como uma contribuição social. Então é muito pouco, e há dias que nós temos um ou dois avisos pagos. (LUCELY MONTEIRO, diretora do Sistema Alvorada de Comunicação, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Ainda de acordo com Lucely Monteiro, o Mensageiro está perdendo o seu espaço e isso se deve ao fato de que o celular está cada vez mais presente na realidade amazônica. Ela explica que hoje na maioria das comunidades existe o telefone, e muitas pessoas tem um aparelho simples em casa e mesmo que não tenha acesso à internet, existe a possibilidade da ligação, que acaba formando essa ponte de um lugar para outro. Isso, segundo ela, impacta diretamente, uma vez que os comunicados podem ser passados dessa forma.

Um levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015, apresenta o panorama sobre o “Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal”. De acordo com dados deste estudo, a área rural da região Norte do Brasil foi o local que apresentou maior crescimento no uso do aparelho celular do país, com 2,0 pontos percentuais a mais que o ano anterior. Segundo este levantamento, em 2015, 39,1% das pessoas da área rural do Norte do Brasil possuíam o celular.

Neste contexto de transformações e desafios para o rádio, principalmente para o programa de avisos supracitado, é importante destacar a habilidade do radialista, o responsável pela leitura dos avisos levados pela população até a Rádio Alvorada. Ele conquistou o carinho da audiência por sua leveza e espontaneidade, dando ao Mensageiro da Amazônia uma identidade regional, popular e de grande aceitação pelo público. O ícone dessa época é o radialista Flávio Luiz, que estreou na emissora em 1989, e assumiu o comando do programa de avisos em 1994.

Eu costumo dizer que naquela época *pra* você ser um radialista, você tinha que passar pelo Mensageiro da Amazônia. O cara que sabia desenrolar um aviso que chegou em cima da hora, é porque realmente tinha jeito *pra* coisa, dava *pra* trabalhar no rádio. (FLAVIO LUIZ, radialista, entrevista de campo, em setembro de 2021)

Flavio Luiz permaneceu no Mensageiro da Amazônia até 2016, quando deixou a emissora católica parintinense. Na entrevista, ele recordou os tempos áureos do programa, quando o aparelho telefone não fazia parte do cotidiano do ribeirinho, nas zonas urbana e rural da região.

Dom Arcangelo sabia que colocando uma rádio nessa região, ele conseguiria não só realizar o trabalho de evangelização, como também potencializar a comunicação. Era muito difícil chegar nos lugares, por questões geográficas do Estado do Amazonas, principalmente chegar ao povo do interior. (FLAVIO LUIZ, radialista, entrevista de campo, em setembro de 2021).

A região amazônica dentre muitas particularidades se notabiliza pelas denominações que apelidam braços de rios, restingas, furos e lagos. Dona Raimunda se recorda que muitos avisos chamavam atenção pela singularidade dos lugares.

Tinham uns avisos bem interessantes: “Fulano avisa ciclano na *boca do jacaré* que tá esperando você *pra* uma reunião” ou “fulana pede a ciclano que venha urgente até a *costa da águia* quando o barco da linha passar”. Era desse jeito, a gente se divertia também. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Em um estudo direcionado aos avisos veiculados nas emissoras de rádio, denominado “Favor transmitir ao destinatário: análise semiológica dos avisos de Rádio no Amazonas”, Monteiro (1996, p. 88) escreve:

A voz do discurso radiofônico popular é, à primeira vista, uma voz narrativa, uma voz que apresenta, relata, reflete um tema. Entretanto, no caso específico dos Avisos de Rádio, em virtude de fatores emocionais oriundos do isolamento, da alta intensidade dessa voz e da força imaginativa que desencadeia, ela deixa de ser apenas a voz que apresenta para ser uma voz que representa, que significa.

Outra característica marcante do Mensageiro da Amazônia era o fato de que a leitura dos avisos deveria ser feito tal qual era escrito pelos ouvintes, sem a revisão da caligrafia.

Eles escreviam de todo o jeito e a gente tinha que decifrar pelo som das letras *pra* poder entender o que *tava* escrito e falar no ar. Meu Deus, era uma agonia, tinha que interpretar pelo som a palavra até sair o aviso, tudo porque tinha que sair do jeito que eles queriam. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Monteiro (1976, p. 95) reforça que nessa relação entre o emissor da mensagem e o locutor do programa de avisos, a oralidade é essencial para o entendimento entre as partes, mesmo que fisicamente elas não estejam próximas. “O rádio fala. O homem do interior escuta e resmunga. Às vezes, conversa com o locutor”. Com mais de vinte anos de experiência à frente do programa, Flavio Luiz relembra que o improvisado era, na maioria das vezes, a chave para não “errar” a leitura dos avisos.

Quando se faz rádio, tem que saber *se virar nos trinta*, principalmente quem atua no interior. O *caboco* não gosta que ninguém mude aquilo que ele escreveu, e tinha algumas pessoas que vinham reclamar comigo porque eu as vezes enxugava alguns avisos porque sabia que o tempo *tava* estourando. Os convites, por exemplo, eles queriam que nós chamássemos nome por nome cerca de quarenta comunidades convidadas, e eu já resumia e falava: “a coordenação da festa convida todas as comunidades vizinhas e circunvizinhas”. (FLAVIO LUIZ, radialista, entrevista de campo, em setembro de 2021).

“Embora cheios de erros ortográficos os Avisos de Rádio têm estrutura de redação própria, são criativos, e nota-se que os usuários se expressam livremente.” (MONTEIRO, 1996, p. 96)

Mais adiante, quando detalhada a catalogação dos avisos atuais, percebe-se a preocupação da Rádio Alvorada em revisar, redigir e imprimir os comunicados para facilitar a leitura pelos locutores que fazem o Mensageiro da Amazônia. Essa padronização, embora traga maior agilidade para os apresentadores, trouxe a perda da originalidade dos avisos.

Sobre a relação do rádio com a internet, Flávio Luiz defende que a rede de dados necessita ser usada de maneira inteligente, com intuito de potencializar o trabalho de quem atua nas emissoras hoje. Para ele, a internet precisa ser encarada como uma parceira do rádio, principalmente para checar informações em tempo real, a partir do uso do celular.

O rádio se mantém como um grande veículo de comunicação de massa, presente em todos os bairros, ruas e comunidades da cidade. Nós precisamos trazer essas ferramentas digitais para o nosso lado, e dessa maneira facilitar o trabalho. Eu apresentava um outro programa na Rádio Alvorada AM chamado *A Grande Vespéral* e durante três horas eu empilhava papel, revista, anotações e agora eu posso ter tudo em um único lugar. (FLAVIO LUIZ, radialista, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Mesmo diante deste cenário exposto acima, referentes à tradição e o desafio de manter em funcionamento essa ferramenta tradicional de comunicação na região, a atual direção da Rádio Alvorada não cogita encerrar as atividades do Mensageiro da Amazônia.

O Mensageiro faz parte da vida de muitos parintinenses, muitas pessoas recordam com boas lembranças as histórias do programa, dos avisos marcantes, do sinal sonoro característico. É um marco na história e por isso nós não pensamos em encerrá-lo, e também levamos em conta que as instituições públicas ainda buscam no Mensageiro da Amazônia essa ponte com o público. Ele vai permanecer, é uma página importante da história da Rádio Alvorada, escrita com os avisos do povo. (LUCELY MONTEIRO, diretora do Sistema Alvorada de Comunicação, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Sobre a trajetória histórica da Rádio Alvorada, Lucely Monteiro destaca que ao completar 54 anos, a emissora mantém a missão pela qual ela foi criada, em 1967.

A Rádio Alvorada foi criada para aproximar as comunidades ribeirinhas e ser essa fonte de informação noticiosa e de formação religiosa. Hoje a gente mantém essa responsabilidade de levar as informações do cotidiano, e partilhar os ensinamentos da filosofia católica. (LUCELY MONTEIRO, diretora do Sistema Alvorada de Comunicação, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Ao encerrar a conversa, Flavio Luiz conta que deve à emissora sua carreira profissional, principalmente pelo trabalho desenvolvido à frente do programa Mensageiro da Amazônia.

Rádio Alvorada representa tudo *pra* mim. Foi ali que eu comecei, foi ali que eu me firmei, foi ali que eu encontrei uma profissão. Agora *tô* trabalhando em outra emissora, mas quando se trata de Rádio Alvorada não dá *pra* falar da comunicação no Norte do Brasil, sem colocar a emissora católica parintinense. Sinto muito saudade dos tempos de Alvorada e toda vez que passo em frente ao prédio, me recordo dos tempos em que fiz parte desta casa. (FLAVIO LUIZ, radialista, entrevista de campo, em setembro de 2021).

Dona Raimunda fez questão de agradecer pela conversa e externou sua gratidão à Rádio Alvorada pelos quase 50 anos de serviço prestado à Diocese de Parintins e a toda região onde alcança as ondas sonoras da emissora.

A Rádio Alvorada me deu mais coragem, mais força e dentro dos objetivos para qual ela foi criada, me ajudou muito na minha experiência religiosa e eu serei eternamente grata. Foram tantas amizades construídas, tantos

encontros juntos, desde dom Arcangelo Cerqua, dom Gino Malvestio, dom João Risatti e dom Giuliano Frigenni. Nunca imaginei administrar uma rádio e passei 49 anos à frente da primeira emissora da cidade. (RAIMUNDA RIBEIRO, ex-diretora da Rádio Alvorada, entrevista de campo, em setembro de 2021)

A seguir é apresentado o resultado do trabalho de catalogação dos avisos, com intuito de elucidar a maneira como a Rádio Alvorada difunde as informações da comunidade por meio deste canal de informações, que é o Mensageiro da Amazônia.

3.3 Por dentro dos atuais avisos

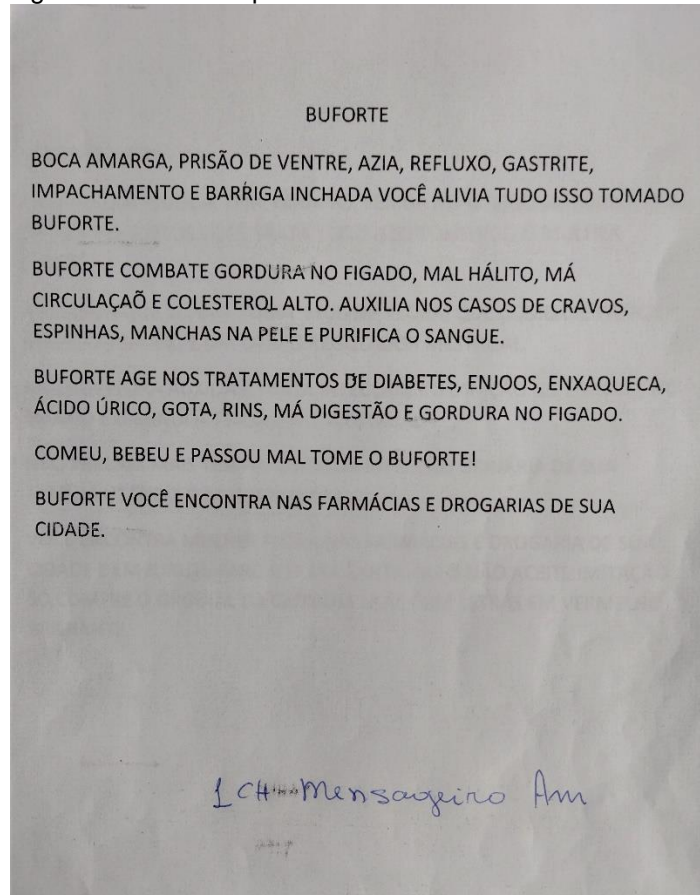
Até hoje, os avisos veiculados no Mensageiro da Amazônia precisam ser levados até a recepção da Rádio Alvorada, setor responsável por organizar, revisar, redigir e imprimir os comunicados que chegam até a emissora. Como mencionado acima, essa busca pela padronização fez com que os comunicados perdessem, em certo modo, as peculiaridades da oralidade ribeirinha. As frases marcantes, que evidenciam a linguagem tradicional das localidades rurais permaneceram como lembranças do apogeu do Mensageiro da Amazônia. Atualmente, adota-se uma leitura mais curta e direta, conforme será exemplificado a seguir.

Para a construção desta monografia, foi feita a catalogação desse material, com comunicados que foram ao ar no período entre agosto de 2020 até setembro de 2021. Vale destacar a ausência de um inventário com registros de exemplares antigos de avisos já veiculados no Mensageiro da Amazônia. De posse desse material, foi possível classificar os comunicados em catorze categorias diferentes, que serão exemplificados e mostrados a partir dos registros fotográficos a seguir.

3.3.1 Comerciais

Refere-se estritamente a veiculação paga de anunciantes, que aproveitam da audiência do programa para exaltar os benefícios do seu produto, como cosméticos, remédios e produtos em geral. (A imagem a seguir é meramente ilustrativa, não deve ser encarada como propaganda).

Figura 4 - Aviso do tipo Comercial

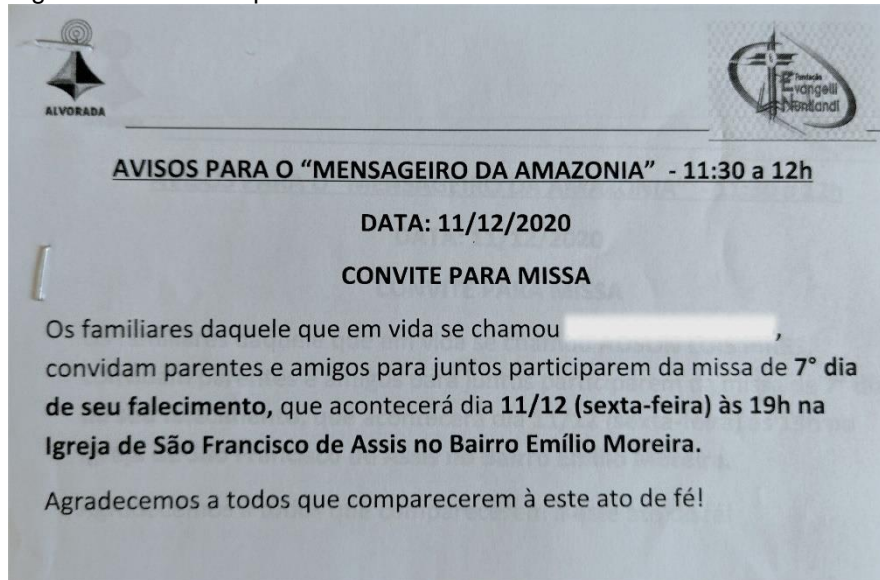


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.2 Missas fúnebres

São convites para participação em celebrações de memória de falecimento de alguma pessoa. Exemplo: Missa de sétimo dia, um mês de falecimento, quinze anos de falecimento.

Figura 5 - Aviso do tipo Missas Fúnebres

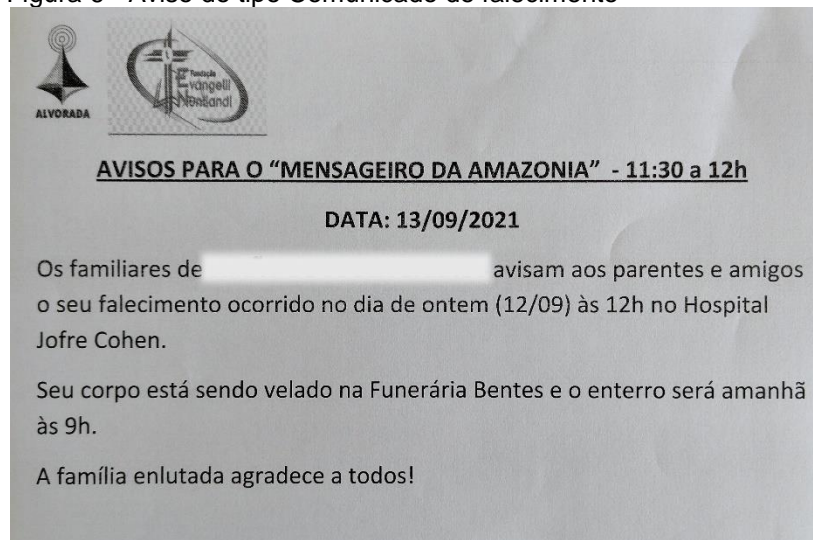


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.3 Comunicado de falecimento

Nota fúnebre, escrita para informar os detalhes do óbito de uma pessoa, destinada à familiares e amigos. A maioria é acompanhada de um versículo bíblico como mensagem de força e esperança.

Figura 6 - Aviso do tipo Comunicado de falecimento

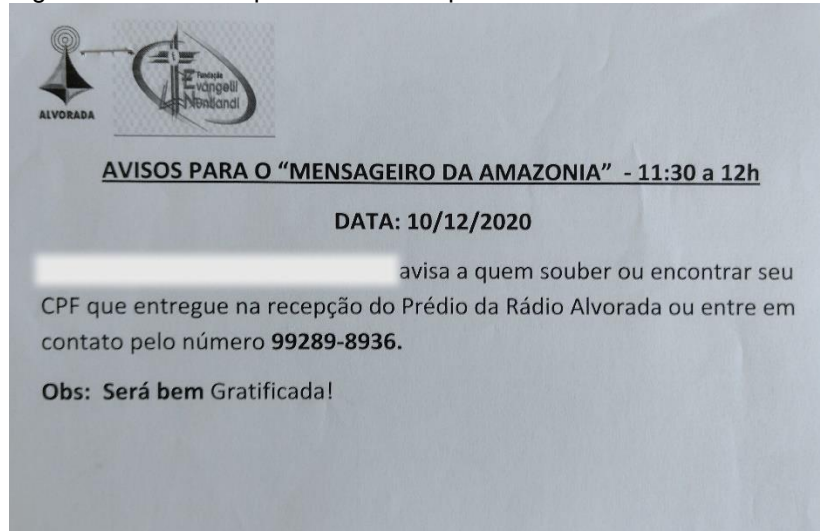


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.4 Documentos perdidos

Refere-se a toda e qualquer documentação perdida em via pública, geralmente próximos às agências bancárias da cidade. Em alguns casos, o remetente oferece gratificação para quem encontrar.

Figura 7 - Aviso do tipo Documentos perdidos

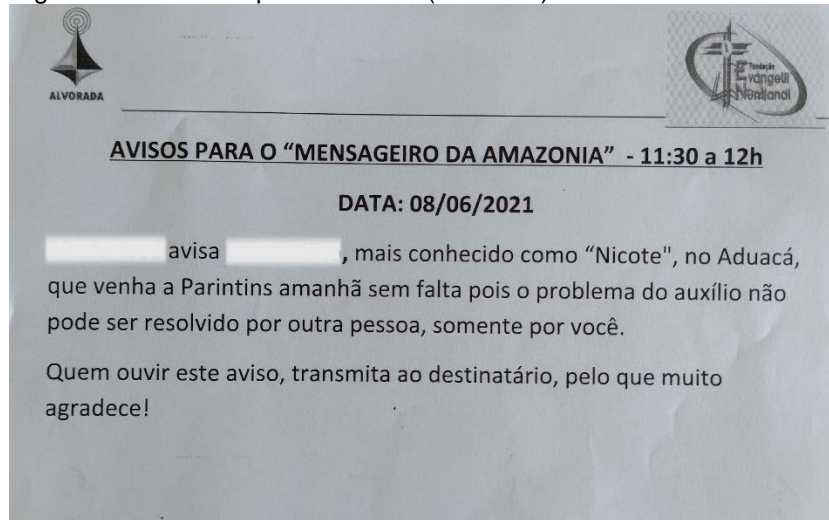


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.5 Individuais (utilitários)

Representam a maioria dos avisos e referem-se aos comunicados do cotidiano, escritos com objetivo de transmitir ao destinatário uma informação urgente e de utilidade individual ou pública. Ex: Favores, consultas médicas, cobranças, viagens e compromissos em geral.

Figura 8 - Aviso do tipo Individuais (utilitários)



Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.6 Institucionais

Referem-se aos comunicados escritos pelos órgãos públicos ou privados com conteúdo informativo, esclarecedor e urgente. Exemplo: Conselho Tutelar, concessionária de energia, Delegacia de Polícia, Fórum de Justiça e demais instituições que necessitem do espaço para se comunicar com uma grande massa ou mesmo com um único destinatário.

Figura 9 - Aviso do tipo Institucionais

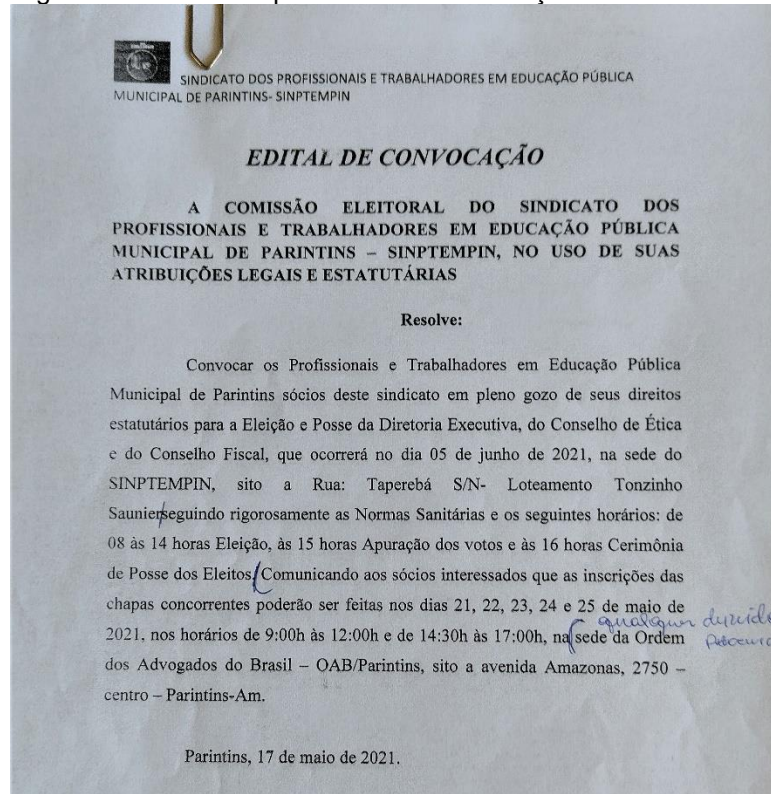


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.7 Sindicatos/Associações

Avisos elaborados com intuito de informar, esclarecer e organizar determinado agrupamento de pessoas da sociedade civil. Em sua maioria, os comunicados se resumem a convocações para reuniões ou assembleias.

Figura 10 - Aviso do tipo Sindicatos/Associações

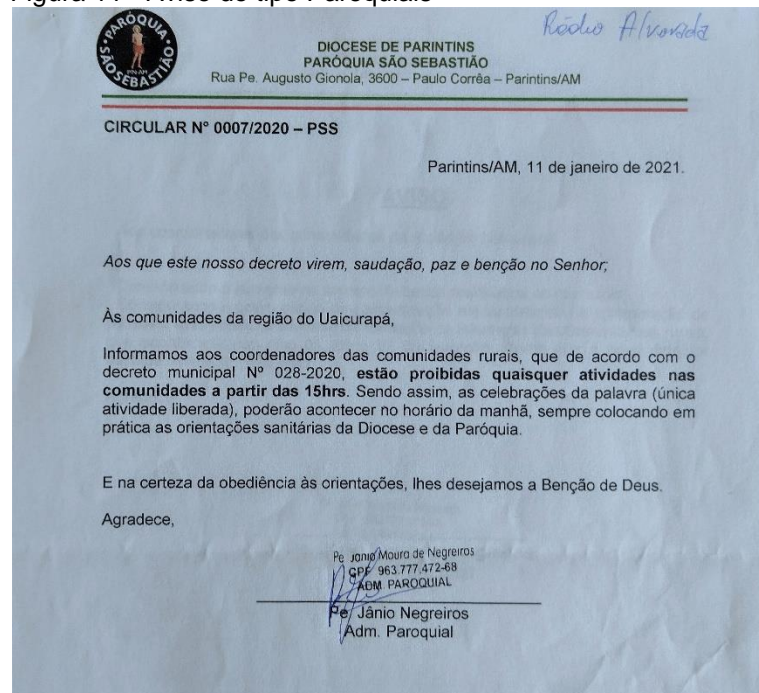


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.8 Paroquiais

Mantem-se com o mesmo propósito pelo qual foi criado o Mensageiro da Amazônia, informar e integrar as comunidades pertencentes às paróquias da Diocese de Parintins, com avisos inerentes ao trabalho desenvolvido pela igreja católica na região.

Figura 11 - Aviso do tipo Paroquiais

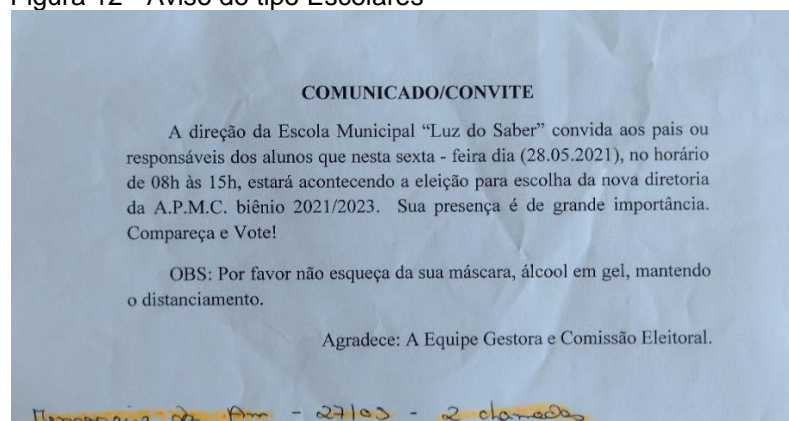


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.9 Escolares

Avisos relacionados ao trabalho dos educandários da cidade, das redes municipal e estadual. Além do ensino público, o Mensageiro da Amazônia recebe comunicados de colégios particulares que informam pais e responsáveis sobre atividades como reunião, assembleia, aulas e demais atividades relacionadas à educação.

Figura 12 - Aviso do tipo Escolares

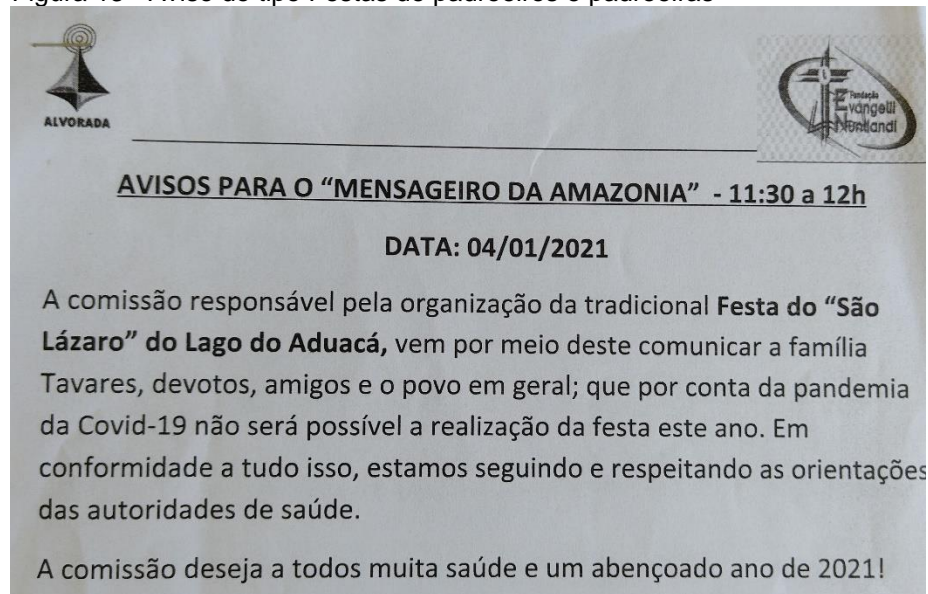


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.10 Festas de padroeiros e padroeiras

Antes da pandemia, representava uma das categorias mais veiculadas durante o Mensageiro da Amazônia. Com a proibição das festas, em virtude das regras sanitárias, as comunidades passaram a usar com menos frequência ou optaram por comunicar sobre o cancelamento do festejo.

Figura 13 - Aviso do tipo Festas de padroeiros e padroeiras

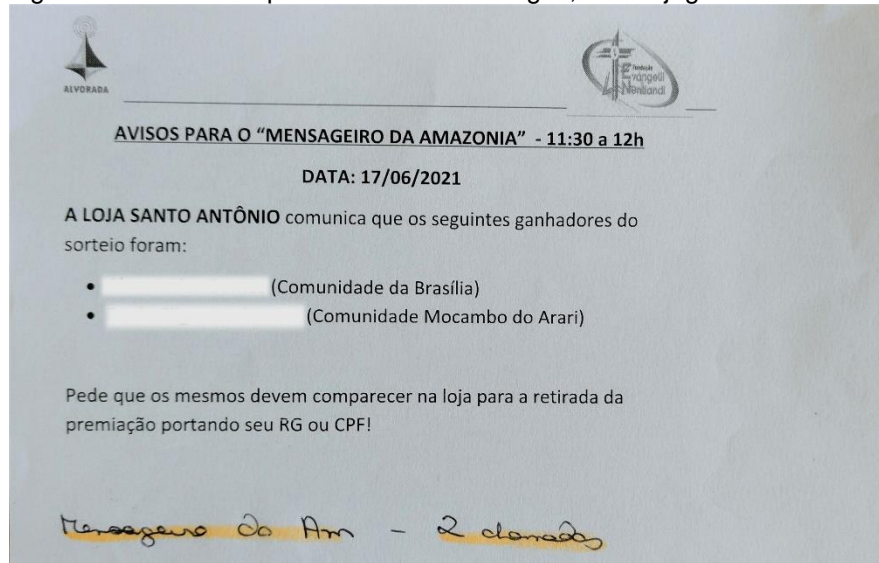


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.11 Vencedores de bingos, rifas e jogos

Comunicam os ganhadores e a premiação de jogos realizados pelas comunidades. Podem ser beneficentes ou em prol à coletividade.

Figura 14 - Aviso do tipo Vencedores de bingos, rifas e jogos

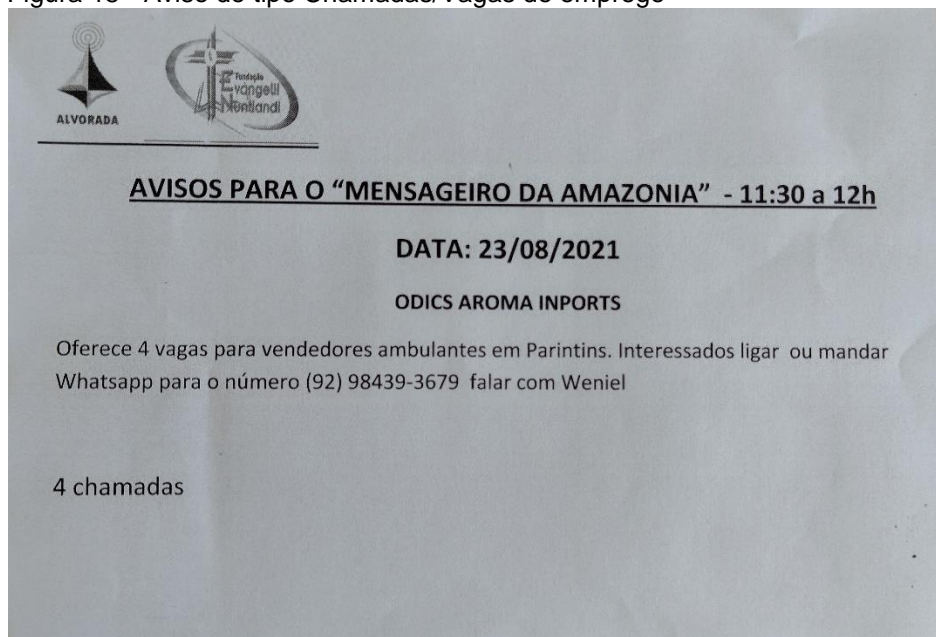


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.12 Chamadas/Vagas de emprego

Proprietários de estabelecimentos aproveitam do espaço do programa para divulgar oportunidades de trabalho. Também é um espaço para que as pessoas possam divulgar suas habilidades com intuito de conseguir um emprego.

Figura 15 - Aviso do tipo Chamadas/Vagas de emprego

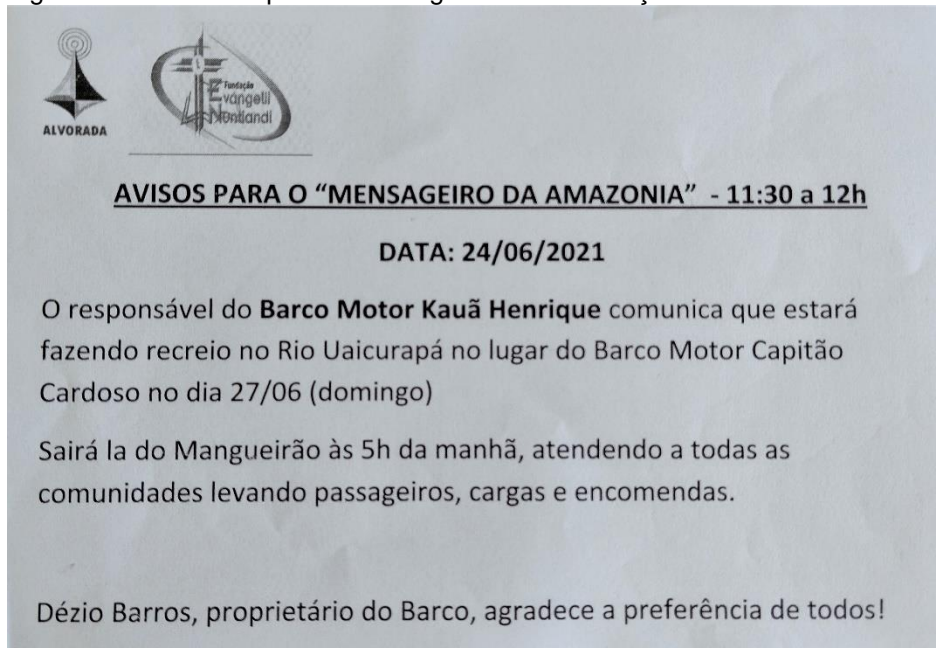


Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.13 Saída/Chegada de embarcações

Informa a população sobre o horário de partida, ancoragem e, por vezes, o itinerário das embarcações que realizam viagem na região.

Figura 16 - Aviso do tipo Saída/Chegada de embarcações



Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

3.3.14 Torneios

São avisos que informam a realização de torneios esportivos em determinada localidade. Os remetentes detalham a data, a hora, o local e principalmente a premiação em jogo, para atrair inscrições dos times amadores da região. Em sua maioria, os torneios são realizados pelas comunidades ribeirinhas, em prol à coletividade.

Figura 17 - Aviso do tipo Torneios



ALVORADA

4º Torneio de Pênalti - Masculino e Feminino

AVISOS PARA O "MENSAGEIRO DA AMAZONIA" - 11:30 a 12h

DATA: 25/08/2021

4º Torneio de Pênalti - Masculino e Feminino

Data: 29/08/2021
Local: chácara no Ramal da Granja do Boré – N° 212 – Paranema
Teremos serviço de bar e restaurante

Início do Torneio – às 10h

Premiação do Masculino
1º R\$ 1.000,00
2º R\$ 200,00
3º R\$ 100,00

Valor da Inscrição masculino - R\$ 20,00
3 por 50,00 e 7 por 100,00

Premiação do Feminino
1º R\$ 300,00
2º R\$ 150,00
3º R\$ 50,00

Valor da Inscrição Feminino – R\$ 10,00
3 por 20,00 e 8 por 50,00

OBS: OBRIGATÓRIO O USO DE MÁSCARA

Informações: 98455-0259

Fonte: Arquivo Rádio Alvorada

4 AS INTERFERÊNCIAS DE NOVAS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL

4.1 Caminhos metodológicos

Para investigar a existência de interferências de novas ferramentas de comunicação digital na dinâmica de execução do programa Mensageiro da Amazônia, principalmente dos aplicativos de troca de mensagens *WhatsApp* e *Facebook (Messenger)*, foi realizada uma pesquisa de campo, a partir da visitação de duas comunidades rurais ribeirinhas distintas, pertencentes ao município de Parintins: Mato Grosso (Gleba de Vila Amazônia) e Nossa Senhora da Conceição (Paraná do Ramos), conhecida popularmente como Vila Manaus. A primeira encontra dificuldades para obter o sinal de telefonia móvel, e por consequência disso quase não utiliza a internet para se comunicar com outras localidades, e a segunda usufrui de ótimo alcance de rede móvel, com possibilidade de desfrutar da internet e seus aplicativos para compartilhar informações a respeito da vida em comunidade. Busca-se também assimilar a relação dessas populações com o rádio, principalmente com o programa de avisos da Rádio Alvorada. Durante as visitas foram adotados protocolos sanitários para evitar o contágio pelo novo coronavírus, como uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social. Vale destacar também o esquema vacinal completo contra a covid-19 do pesquisador.

Para a concretização desses objetivos supracitados, foi realizada a Pesquisa Qualitativa, com base no entendimento de Minayo (2002, p. 21-22), a qual esclarece que esse estilo de investigação responde a situações muito particulares da vida social humana:

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desta maneira, foi possível aproximar-se da rotina vivenciada pelos moradores de ambas comunidades, percebendo não só a afinidade com o rádio e suas programações, mas também inserindo-me nas relações interpessoais das

famílias, em assuntos inerentes ao trabalho, as crenças, aos anseios coletivos e individuais. A referida pesquisa foi escrita sob inspiração da etnografia, a qual tem como base a observação e a descrição, conforme os ensinamentos de Lakatos e Marconi (2008).

E ainda neste universo da pesquisa qualitativa, o estreitamento com a realidade das comunidades ribeirinhas escolhidas para esta pesquisa foi aprimorado a partir da realização do Estudo de Campo, pois conforme explica Gil (2002, p. 53):

Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Ainda de acordo com Gil (2002), no estudo de campo o pesquisador necessita fazer a maioria do trabalho de investigação pessoalmente, pois é somente desta maneira que se pode ter uma resolutividade real da situação estudada. É necessária uma imersão, no maior tempo possível, para se ter uma experiência da vida em comunidade.

Esse exercício prático de ir ao encontro da realidade da comunidade possibilita encarar a pesquisa com maior profundidade, uma investigação que leva em consideração informações muito além dos dados adquiridos nas entrevistas, pois entende-se o cenário como um todo. Em cada localidade, conversei com oito moradores diferentes, reunindo dessa forma o total de 16 vozes, fontes que representaram todo o universo pesquisado. Na comunidade do Mato Grosso foram ouvidas 3 mulheres e 5 homens. Em Nossa Senhora da Conceição também foram entrevistadas 3 mulheres e 5 homens.

É necessário frisar que além do diálogo com os moradores, mantive-me atento as minúcias que cercam cada localidade, utilizando-me da técnica da Observação, que neste caso pode ser classificada como Observação Participante. Em consonância com Lakatos e Marconi (2008), a observação participante provoca no pesquisador o interesse pela interação direta com o grupo social, com intuito de obter informações mais profundas, sobretudo no que diz respeito ao modo de vida dos investigados. Neste sentido, é necessário ganhar a confiança do grupo e esclarecer quantos aos objetivos e importância da pesquisa, cultivando uma troca

mútua entre as partes envolvidas no processo de investigação. Ainda sobre a observação participante, Minayo (2002, p. 59) pondera: “O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados”. Vale ressaltar a utilização do diário de campo, para sistematizar a experiência nas comunidades e posteriormente analisar os resultados obtidos.

O motivo pelo qual escolhi duas comunidades diferentes, em situações adversas quanto ao acesso à rede móvel e à internet, se explica pela escolha do Método de Procedimento Comparativo para elucidar as questões levantadas nesta pesquisa. Lakatos e Marconi (2008, p. 92) escreve o seguinte:

Considerando que os estudos das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências.

Durante a leitura das informações colhidas nas entrevistas junto aos moradores, o método se mostra fundamental pelo fato de evidenciar diferenças entre as duas realidades investigadas, isto é, as duas comunidades, principalmente na relação das pessoas com o rádio e o programa Mensageiro da Amazônia. Mais adiante, os depoimentos obtidos no estudo de campo serão descritos nesta monografia e será possível traçar um caminho de interpretações a respeito dessa dualidade social.

Como já detalhado neste item, foram coletados dezesseis depoimentos, oito em cada comunidade, pessoas que se dispuseram a dialogar sobre o tema em questão. Para a concretização dessa conversa com os moradores, utilizei a Entrevista Semiestrutura, por se tratar de um estilo livre de diálogo, sem amarras, e que possibilita construir uma confabulação mútua para entender o que se propõe. Lakatos e Marconi (2008) defende que este modo oportuniza uma exploração mais ampla do problema e o entrevistador tem liberdade de apontar a direção, conforme a conversa, que ele julgar mais adequada. É importante ressaltar que utilizei de um roteiro básico formado por questões chaves da pesquisa, isto é, perguntas de um plano geral, que foram esmiuçadas no decorrer da conversa, conforme a participação dos moradores. Esse roteiro será detalhado nos anexos dessa pesquisa.

Antes de mergulhar no universo das duas comunidades e toda sua análise, é importante mencionar uma mudança de percurso ocasionada durante a vivência da prática do estudo de campo. Conforme o planejamento prévio desta pesquisa estavam programadas viagens para a comunidade do Mato Grosso, localizada na estrada da Gleba de Vila Amazônia, cujo destino foi consolidado; e outra para a sede da Gleba de Vila Amazônia, a qual teve o destino alterado.

A mudança consistiu em virtude da constatação de que na sede, ao contrário do que se previa, o sinal da rede móvel e de internet é bastante crítico e sofre oscilações diárias. O único ponto em que o serviço é ofertado de maneira satisfatória é no Terminal Hidroviário da localidade, para onde os moradores se deslocam para obter sinal e manter uma boa comunicação. Dessa maneira, toda a parte habitável da sede não usufrui do serviço de internet e por isso não seria possível contrastar, utilizando-se do método comparativo, com a realidade do Mato Grosso, que também não possui acesso à rede de dados móveis e de internet.

Por conseguinte, foi escolhida a localidade de Vila Manaus (Nossa Senhora da Conceição), a partir de uma breve investigação informal com moradores que confirmaram se tratar de uma comunidade com acesso ao serviço de telefonia móvel. Isso mostra o desafio de encarar as variações ao longo do percurso da pesquisa e refazer o planejamento a tempo para que o estudo não perca seu objetivo.

A seguir, constam as minúcias do estudo de campo, obtidas por meio das viagens ao Mato Grosso e Vila Manaus, para análise comparativa dessas duas realidades em relação à audiência do rádio, em especial ao programa Mensageiro da Amazônia.

4.2 Comunidades ribeirinhas e a comunicação

4.2.1 Mato Grosso

Para obedecer à ordem cronológica das viagens e apontar primeiro como é a relação da população ribeirinha com o rádio em uma comunidade com baixo acesso à telefonia móvel e à internet, vamos começar este percurso acadêmico pelo Mato

Grosso. Nesta comunidade, alguns aparelhos celulares antigos conseguem obter sinal para realizar ligações (apenas) e existem pontos específicos da localidade em que a rede de telefonia funciona, ainda que de forma precária.

A comunidade está localizada na zona rural de Parintins-AM, inserida na Gleba de Vila Amazônia ou Projeto de Assentamento Vila Amazônia (conforme mostram os mapas 1 e 2), e pode ser acessada por via fluvial em embarcações pequenas como barcos, lanchas e rabetas, ou por estrada de terra, em automóveis como carros e motocicletas (a opção escolhida para a realização deste estudo foi a motocicleta, própria do pesquisador).

A localidade é considerada área de terra firme, isto é, as famílias não necessitam mudar de endereço, viajar para outra comunidade durante a cheia dos rios, por se localizar em uma extensão de terra alta o suficiente. De acordo com dados coletados na Secretaria Municipal de Saúde de Parintins (Semsu), por meio da Coordenadoria de Saúde Rural, a localidade soma 331 moradores.

Mapa 1 - Imagem de satélite de Parintins, Vila Amazônia e Mato Grosso



Fonte: *Google Maps*

Mapa 2 - Imagem de Satélite da Comunidade Mato Grosso



Fonte: *Google Maps*

A viagem até a localidade ocorreu no dia 10 de setembro de 2021 e a pesquisa transcorreu até o dia seguinte (11/09). Ressalto que antes disso, na fase exploratória da pesquisa, que compreende de acordo com Gil (2002) ao período de investigação livre do objeto de estudo por parte do pesquisador antes do estudo de campo, foi feita uma verificação antecipada das narrativas e possibilidades que seriam constatadas com a realização da pesquisa e quais seriam os instrumentos necessários para realizá-la.

Neste sentido, é importante ressaltar o papel de duas pessoas que foram cruciais neste processo de reconhecimento da área estudada, dona Raquel e seu Gedeon. O casal mora em um dos diversos ramais próximo à comunidade do Mato Grosso, e também foi importante durante a visita aos moradores, por apontar o caminho e ajudar na abertura das entrevistas. A aproximação com os dois se deu no exercício da minha profissão como radialista, uma vez que eles são ouvintes assíduos da Rádio Alvorada, e me acompanham diariamente pela emissora. Quando o casal vem até a cidade comercializar os produtos oriundos da agricultura familiar, fazem questão de avisar e me encontrar para breves conversas na praça. Foi dessa maneira que conheci a realidade do Mato Grosso, uma comunidade que ainda

mantém o rádio como parceiro do cotidiano ribeirinho, a qual me instigou a correlacioná-la com o objeto de estudo (Mensageiro da Amazônia) desta pesquisa.

A saída de Parintins, no dia 10, ocorreu pontualmente às 12 horas, em uma das balsas que realiza o transporte de passageiros até a sede de Vila Amazônia (Figura 18). Levei comigo uma mochila, contendo todo material necessário para pesquisa, minha motocicleta (modelo Biz 125 preta, inadequada para o trajeto de estrada de terra, por ser fabricada para trafegar em áreas urbanas), e claro, a inquietação que me fez construir esta pesquisa acadêmica. A viagem durou cerca de 25 minutos.

Figura 18 - Balsa usada como transporte até a sede de Vila Amazônia



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Após a chegada no Terminal Hidroviário da sede de Vila Amazônia, encontrei Gedeon e iniciamos o trajeto pela estrada até a sua residência, próximo à comunidade do Mato Grosso. Esse percurso durou cerca de 15 minutos, debaixo de uma temperatura elevada (típica do mês de setembro na Amazônia), em um trajeto de estrada de terra batida, areia, pedras e lamas (Figura 19). Em determinado ponto do caminho paramos a motocicleta para fazer os registros fotográficos, com a preocupação de documentar todo o trabalho realizado no campo de pesquisa. Durante o descolamento foram avistadas outras pessoas, em motocicletas, carros, caminhões ou até mesmo descalços, são moradores e trabalhadores que utilizam a

via como ferramenta de acesso aos ramais e comunidades da Gleba de Vila Amazônia.

Figura 19 - Trecho da estrada da Gleba de Vila Amazônia



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Chegamos à residência do casal (Figura 20) e lá fui recepcionado com um almoço típico da região amazônica, peixe frito preparado ao fogão à lenha (foi desta maneira em todas as refeições enquanto estive com eles). Decidimos que só iríamos até a comunidade após a refeição, naquela tarde. Durante a conversa à mesa, traçamos o itinerário e a forma como abordariamos as pessoas em suas casas.

Figura 20 - Residência de Raquel e Gedeon



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

De posse do material necessário para as entrevistas, como Termo de Autorização de Uso de Voz e Imagem, bloco de anotações e aparelho celular (usado para fotografias e gravador de voz), saímos a pé, em direção aos moradores do Mato Grosso, com o objetivo de investigar a questão proposta nesta monografia. Como já mencionado anteriormente, eles literalmente mostraram o caminho (Figura 21).

Figura 21 - Dona Raquel aponta o caminho até a comunidade Mato Grosso



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Foram dez minutos de caminhada à comunidade do Mato Grosso (Figura 22), até a realização das entrevistas. Durante os primeiros contatos com os moradores, foi possível observar que o rádio é muito presente no cotidiano da localidade.

Figura 22 - Comunidade do Mato Grosso, Gleba de Vila Amazônia



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

A maioria costuma ligar o aparelho nas primeiras horas do dia para receber informações dos jornais veiculados especialmente na Rádio Alvorada (Jornal da Alvorada) e Rádio Clube (Jornal da Clube).

Uma aposentada, de 66 anos, disse que as atividades diárias em casa só iniciam após as notícias do rádio.

Eu ouço bastante o rádio, ouço Alvorada, ouço a Clube, eu gosto. Eu começo ouvir das seis horas com o jornal, todo o jornal, aí quando termina o jornal eu faço uma pausa, aí eu desligo ele, e depois torno a colocar nos programas das dez, onze horas, até no jornal de meio dia.

A mesma constatação foi observada na casa de um dos pescadores da localidade, de 53 anos. “Eu costumo sim ouvir bastante as rádios, todo dia eu ouço, tanto ser Alvorada quanto a Clube, eu escuto. Começa de manhã e só paro quando não tem pilha, quando a pilha acaba, não tem como”.

A busca por informações, por meio das notícias quentes do cotidiano, é o principal motivo pelo qual os moradores mantêm ligados os aparelhos de rádio.

Neste cenário, ele representa a ponte que mantém a comunidade por dentro das novidades do cenário político, educacional, policial, religioso, esportivo e, sobretudo, diante do cenário pandêmico vivenciado nos últimos anos, com os assuntos ligados à saúde pública. No entendimento das autoras Costa e Wanderley (2020, p. 343), a grande audiência do rádio em comunidades amazônicas se deve pela multiplicidade de programas disponíveis. “O sinal abrangente do rádio e sua programação – contendo notícias das mais variadas áreas, entretenimento, recados, música, mensagens religiosas, informes comunitários e avisos, garante sua popularidade”.

O próximo relato é de um agricultor de 41 da comunidade.

Rapaz aqui é todo dia, amanheceu o dia a gente fala de rádio. Aí quando é a noite de novo, até a hora que ele sai fora do ar. A Rádio Alvorada é *bacana* da gente ficar escutando, pois com as notícias a gente ficar por dentro do que acontece, né. Eu só faço escutar mesmo, não participo porque o sinal aqui é ruim do celular.

Uma das jovens com quem conversei durante aquela tarde, uma estudante de 19 anos, disse que estava preocupada com os últimos casos do surto de rabdomiólise, uma enfermidade conhecida popularmente como ‘doença da urina preta’, a qual é associada ao consumo de pescado, um dos pratos mais apreciados na região amazônica. “Tipo esse caso da doença da transmissão do peixe, esses dias nós *tamo* bastante ligado *pra* ver se tá aumentando os casos ou tá diminuindo. E é mais na Alvorada mesmo”. “É um meio da gente saber mais das coisas, das notícias, principalmente no jornal e no aviso. *Pra* falar a verdade, eu só saio de casa depois de escutar o que acontece no Jornal da Alvorada”, explicou um morador de 65 anos.

Para sintetizar esse anseio pelas notícias e a importância do rádio como mecanismo de busca por essas informações diárias, em uma localidade onde a telefonia ainda é uma realidade distante, destaco a fala de outro agricultor, de 48 anos, que há dez anos mora no Mato Grosso.

A gente ouve muito as rádios, principalmente pelas informações. Como eu não sei lhe dar muito com essas coisas de celular, mais é o rádio mesmo aqui em casa. Às vezes tem notícia boa, polêmica, tem notícia ruim, e a gente tá atento ao rádio porque é a nossa fonte mais próxima.

Como foi possível observar nos primeiros depoimentos dos moradores, as duas emissoras mais ouvidas no Mato Grosso são Rádio Alvorada e Rádio Clube. As duas disputam a atenção da audiência na localidade, principalmente após a Rádio Clube migrar para a Frequência Modulada (FM), em 2019. Até a consumação dessa migração, a rádio católica se mantinha como líder absoluta. A afirmação pode ser evidenciada pela fala de uma das moradoras com quem conversei. “Eu sempre gostei de escutar o aviso pela Alvorada, e escutar o jornal também. Mas depois quando a Clube mudou *pra* FM, eu escuto as duas agora”. “A gente costuma ouvir mais a Rádio Clube, do amanhecer do dia até a noite. Da Rádio Alvorada eu ouço o do avisos, mas nunca participei”, explanou outro agricultor, de 36 anos.

Verifica-se neste ponto que o ouvinte ouve com mais frequência a Rádio Clube de Parintins. Ainda assim, o programa que ele conhece da Rádio Alvorada é o Mensageiro da Amazônia e mesmo sem nunca ter participado, faz questão de ouvir o programa de avisos. O registro a seguir (Figura 23) retrata uma cena típica da localidade.

Figura 23 - Aparelho de rádio na cozinha de uma das casas do Mato Grosso



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

O rádio no Mato Grosso, além ser a primeira fonte de informação do dia para a maioria dos entrevistados, também é companhia certa no exercício da profissão dos moradores, sobretudo dos agricultores. Na comunidade, o trabalho no campo é o responsável pelo sustento da maioria das famílias. Segundo Lira e Chaves (2015),

as populações ribeirinhas possuem um estilo próprio de vida e isso pode ser constatado em vários aspectos, como por exemplo, o uso da terra, o cultivo coletivo dos recursos agrícolas da localidade, o saber tradicional, que tem como base a comunicação oral, e tudo isso resulta na afirmação de uma relação mútua no trabalho. Neste contexto, o rádio é parceiro fiel. Eles costumam carregar o aparelho até o “centro”, local isolado mata à dentro, no qual as famílias plantam e colhem seus produtos que posteriormente são comercializados na cidade, como ressalta um deles:

Eu particularmente *paro* aqui na comunidade mais final de semana, porque passo mais tempo mesmo lá no *centro*, onde a gente tem o nosso barraco. E lá mesmo eu ouço as rádios direto. Eu tenho dois rádios, tenho meu rádio de lá (centro) e daqui da comunidade, e enquanto tiver pilha eu *tô* escutando. Mais importante *pra* mim são as notícias, *pra* ficar poder dentro de tudo que acontece.

Durante a visita na comunidade, não tive a oportunidade de ir ao centro, localizado a quilômetros da comunidade, mas me foi indicado o caminho inicial do percurso até lá (Figura 24).

Figura 24 - Área de mata, caminho para plantações dos moradores



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Quando a conversa com os moradores chega ao ponto em que o Mensageiro da Amazônia é mencionado, apenas uma das pessoas abordadas, a estudante mencionada anteriormente, diz que não houve com frequência o programa de avisos da Rádio Alvorada. Por outro lado, a maioria utiliza esta faixa da programação para

ficar por dentro das informações da região, sobretudo das comunidades vizinhas. Esta moradora afirma o seguinte:

Costumo ouvir o Mensageiro porque é muita coisa que conta nele, e é como eu sempre falo se a gente não tiver um rádio, a gente não escuta nada, a gente não sabe de nada, não sabe dos problemas que tão se passando, então a gente tem que ouvir o rádio *pra* poder a gente transmitir *pra* outro que não tem aquela notícia.

Com 31 anos, uma das agricultoras com quem conversei naquela tarde disse que ouve duas rádios (Alvorada e Clube), mas mantém uma tradição em sua casa, que é escutar os avisos diariamente. “O Mensageiro é nossa forma de saber das notícias da região”. Os agricultores formam a maioria da audiência, como é caso daquele já mencionado aqui, que há dez anos mora na localidade. Ele diz o seguinte sobre o programa de avisos:

A gente tem que escutar os avisos, principalmente por causa das informações *pra* longe, porque tem locais que só pega o rádio. Eu mesmo já utilizei o Mensageiro *pra* mandar aviso *pra* lugares mais longe ainda, principalmente aviso *pra* convite de jogo, esse negócio de torneio. O objetivo é alcançar as *comunidade*, principalmente *pra* falar das festas.

Dentre os entrevistados, um deles já presidiu a comunidade. Sua fala evidencia a importância dos avisos de rádio para manter a comunidade por dentro das programações religiosas, sociais e festivas. “Conheço o Mensageiro da Amazônia há muitos anos. É tradição. Quando eu assumi a comunidade, a gente sempre colocava avisos, né, programação da festa, *pra* divulgar as coisas como a gente organizava”.

Não se trata de apenas participar do programa, enviando recados para a Rádio Alvorada, é principalmente sobre ouvir, ficar atento ao rádio (Figura 25), ao que acontece nas redondezas, em localidades vizinhas, porém distantes. Essa forte relação dos comunitários com o programa “Mensageiro da Amazônia” pode ser equiparada ao relato histórico das autoras Luciana Miranda Costa e Patrícia Teixeira Azevedo Wanderlei, que escreveram sobre o programa “Alô, Alô, Amazônia”, da Rádio Difusora de Macapá. Os dois programas possuem praticamente os mesmos objetivos, embora a dinâmica de apresentação do “Alô, Alô, Amazônia” incluía músicas e sorteios no roteiro. Veja o que escrevem Costa e Wanderley (2020, p. 348):

Com suas leituras de mensagens do interior para a capital e vice-versa, o programa é a ponte mais rápida para aproximar muitas comunidades ribeirinhas. São recados que tratam de amor e saudade, avisos de cobrança, felicitações de aniversário e casamentos, notas de falecimento, além de outras demandas do dia a dia. São registros pessoais que só se tornam públicos pela necessidade de comunicação.

Figura 25 - Aparelho de rádio moderno em uma das casas do Mato Grosso



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

De volta ao Mato Grosso, o mesmo ex-presidente explica que passou por uma situação inusitada relacionada ao Mensageiro da Amazônia. Após um episódio no educandário da localidade, quando ele ainda desempenhava o papel de presidente, a outra parte envolvida decidiu levar o caso para a Polícia Civil, e sem querer dar muitos detalhes, disse que teve seu nome mencionado em uma intimação para comparecer até a Delegacia de Polícia de Parintins.

Aconteceu uma coisa inusitada comigo, foi esse ano mesmo. Aconteceu um problema na escola, e o gestor foi lá *pra* banda da delegacia e a minha esposa ouviu que o delegado estava me chamando. Ela ficava braba e dizia 'poxa vida, tu tamanho velho e delegado te chamando pelo rádio'. Isso saiu várias vezes e me agoniava, sabe, pois eu não sabia do que se tratava, o porquê daquilo, daquele chamado. Até que nós fomos *pra* lá na delegacia resolver a situação. Chegando lá e nem era o que o outro tinha falado lá, não tinha nada a ver comigo, foi um mal-entendido.

Este mesmo morador confidenciou que seu pai lhe ensinava, há certo tempo, que uma das piores 'desonras' para ribeirinho era ser cobrado pelo rádio, com o

nome sendo lido para todos ouvirem. “Isso já era demais”. Como ele próprio se defendeu, o episódio narrado acima não passou de mal entendido, para sua sorte.

Por meio da observação dos depoimentos e da própria expressão dos moradores, percebi que o relacionamento dessas pessoas com o programa de avisos da Rádio Alvorada não está nos seus melhores dias, um casamento que há algum tempo encontrou empecilhos que o fizeram arrefecer. Os próprios comunitários com quem conversei sentem falta das três edições ao dia do Mensageiro da Amazônia, embora sejam fiéis à única edição ainda em atividade. Um dos moradores me contou o seguinte:

Rapaz, o Mensageiro eu sinto até falta, porque antigamente era três vez ao dia, né. Aí agora com esse negócio de celular e internet, mudou muito eu acho, já que diminuiu o número de *aviso* e a gente só já escuta uma vez, né. Eu acho assim que ele tá perdendo espaço aos poucos. Mas aqui não muda, pois *pra* gente receber *notícia*, em primeiro lugar é o rádio.

“Da Rádio Alvorada eu gosto mais de ouvir o jornal e o aviso, que agora só dão já uma vez no dia, né, às onze e meia”. Foi o que me disse um pescador. Um deles cita até mesmo a pandemia da Covid-19, e acredita que os últimos dois anos sem programações públicas foi determinante para a queda no número de avisos, embora tenha uma expectativa positiva quanto à reabertura das atividades sociais nas comunidades.

Por causa da pandemia, as festas pararam e diminuiu os avisos, né. Naturalmente ficou mais devagar, agora que tá começando a iniciar, tá voltando, mas bem devagar também. As *feira* acabaram no interior, e não tinha como convidar as comunidades para os torneios de futebol. Aqui no Mato Grosso, por exemplo, são duas festas conhecidas, São João e São Sebastião, elas pararam, assim como em outras e outras comunidade também aqui na Gleba. Tudo isso limitou os avisos.

Figura 26 - Moradora sintoniza rádio à pilha na comunidade Mato Grosso



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

A força do Mensageiro da Amazônia no Mato Grosso se explica pelo fato do rádio se manter como principal ferramenta para obtenção de informações instantâneas por parte dos habitantes dessa localidade. Quando escrevem sobre o programa “Alô, Alô, Amazônia”, Costa e Wanderley (2020, p. 348) descrevem a mesma realidade. “O programa Alô alô, Amazônia é um exemplo de “programa amigo” do ouvinte, levando informação, cultura, entretenimento e, em tempos de aplicativos como WhatsApp, recados. Um verdadeiro pombo-correio hertziano.”

De volta ao Mato Grosso, o uso do celular é falho, restrito aos modelos mais antigos que conseguem ‘pegar área’ para realizar truculentas ligações. Existem também alguns pontos da comunidade, onde a rede de telefonia pode ser acessada, porém depende bastante da situação do tempo. Se o dia está chuvoso, com muitas nuvens carregadas, conseguir ‘antena’ no telefone é mais complicado. A saída é usar o celular na cidade, nas idas dos moradores até Parintins quando viajam para vender seus produtos da agricultura familiar. A estudante com quem conversei naquele dia, disse o seguinte sobre essa realidade:

Aqui a gente quase nunca participa dos programas. O sinal de celular é fraco, raramente pega, as vezes a noite ainda, quando não chove. Quando cai a chuva e a gente precisa falar, vamos correndo *pra* Vila rapidinho, onde o sinal é um pouquinho melhor.

O depoimento a seguir retrata esse cenário, quando questiono um morador se ele tem vontade de interagir com os programas de rádio. Com saudades, ele

relembra programas que marcaram a audiência na comunidade, como o 'Hora Alegre da Criança', da Rádio Alvorada e o 'Nosso Forró', também da emissora católica.

Eu não participo pois não tenho o aparelho, né. Ainda agora *tarra* falando pro meu curumim que esses tipos de celular eu não *manjo*, ele *tarra* me amostrando e eu disse que desses assim só *pra* mim quebrar a cabeça. Aí eu lembro que antigamente era pelas cartinhas que participava dos programas, hoje em dia isso não se ver mais. A gente gostava de *ver* também o Hora Alegre da Criança, tinha aquele programa do Flávio Luiz, que era de manhã, o Nosso Forró, que era tudo através da cartinha e hoje em dia não, é através do aparelho celular, entendeu?

E é dessa maneira que a comunidade do Mato Grosso se interliga com as demais localidades da região, especialmente no que tange a obtenção de informações do 'mundo externo'. Dentro do universo local, a comunicação se dá por meio da oralidade, da forma mais tradicional possível, em uma troca mútua entre moradores que se conhecem há bastante tempo e por isso vivem de maneira plena e organizada, apesar das intempéries da vida amazônica.

E neste contexto, o rádio se mantém firme como companhia fiel para as famílias ribeirinhas. Ele atua como principal emissor das informações ligadas ao cotidiano. Entre os afazeres domésticos, ele é quem entretém a audiência com suas músicas e sorteios, também é o responsável por instruir sobre os princípios da fé (neste caso sobre os dogmas cristãos), e é ele também quem educa, quem ensina os princípios morais do cidadão. No entendimento de Rodrigues (2011, p. 5):

O rádio é um veículo de comunicação sempre atual que vai se adaptando e incorporando as linguagens locais, sendo, por conta desse e de outros aspectos, um meio sempre utilizado como instrumento educativo em diversas realidades, proporcionando o diálogo entre a comunicação e a educação.

Um dos meus últimos questionamentos aos moradores foi saber se havia alguma notícia importante ou histórica, ouvida pelo rádio, que marcou a vida deles. As respostas narram por si só a importância desse aparelho, o rádio, para a localidade. As palavras a seguir são de um pescador.

Das notícias assim que mais me marcou foi a morte do Ayrton Senna, eu *tarra* até falando com a mulher um dia desses, perguntando quando foi que ele morreu, pois veio aquilo na minha mente, até ela não soube explicar, mas eu lembro de ter ouvido pelo rádio. E *pra* falar a verdade, até agora não

sei se foi em setembro ou foi em maio, fiquei indeciso. O rádio é isso, é alegria, é tristeza, tudo ele representa.

4.2.2 Nossa Senhora da Conceição – Paraná do Ramos

Uma semana depois de conhecer a realidade do Mato Grosso para investigar a relação dos comunitários com o Mensageiro da Amazônia, me desloquei até a comunidade Nossa Senhora da Conceição – Paraná do Ramos (Vila Manaus), com intuito de averiguar o oposto do que constatei na Gleba de Vila Amazônia. A viagem ocorreu no dia 17 de setembro de 2021, e desta vez encarei as estradas fluviais da Amazônia. A saída ocorreu pontualmente às 13 horas, em uma embarcação que realiza viagens na região. (Figura 27)

A viagem durou cerca de 1 hora e 30 minutos. A embarcação levava poucos passageiros, pessoas acostumadas com o percurso pelos rios da região. Algumas mercadorias também iam a bordo, suprimentos dos moradores que foram comprados na cidade e que agora eram levados até às comunidades ribeirinhas. Levei comigo basicamente o mesmo material que carreguei quando me desloquei ao Mato Grosso, na perspectiva de encontrar pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa.

Figura 27 - Passageiros a bordo de embarcação típica da Amazônia



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Durante o percurso foi possível realizar diversos registros fotográficos e observar a rotina de quem vive de acordo com a dinâmica dos rios, em harmonia com a natureza. São pescadores em sua maioria, pessoas que retiram das águas o sustento da casa. (Figura 28)

Figura 28 - Pescadores da região amazônica, zona rural de Parintins



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

A comunidade Nossa Senhora da Conceição está localizada na margem direita do Paraná do Ramos, conforme mostram os mapas 3 e 4. A localidade é conhecida popularmente como Vila Manaus, e situa-se em uma área de várzea, isto é, toda a sua faixa de terra, durante a elevação das águas do rio, fica submersa e as famílias que possuem rebanhos de animais, como bovinos, equinos, suínos e caprinos, são levadas a mudar de localidade, para uma comunidade de terra firme. Essa dinâmica populacional dificulta a contagem exata de moradores, embora de acordo com dados coletados em outubro de 2021, na Secretaria Municipal de Saúde de Parintins (Semsa), por meio da Coordenadoria de Saúde Rural, a localidade conta com 62 moradores.

Mapa 3 - Imagem de satélite de Parintins e comunidade N. Senhora da Conceição



Fonte: *Google Maps*

Mapa 4 - Imagem de satélite da comunidade Nossa Senhora da Conceição



Fonte: *Google Maps*

Cheguei à localidade às 14 horas e 30 minutos e da mesma maneira como foi no Mato Grosso, não me instalei necessariamente na sede da comunidade, desta vez fiquei em uma casa familiar, propriedade de minha avó materna. Eu esperava iniciar as entrevistas na mesma tarde, mas o tempo fechado seguido de uma forte

chuva impediu meus planos para aquele dia. Aproveitei para organizar o material das entrevistas e planejar o itinerário para concretizar mais esta etapa da pesquisa.

Na manhã seguinte, me desloquei até a sede da comunidade à bordo de um rabeta (motor de pequeno porte que quando acoplado nas canoas é conduzido manualmente pelos moradores da região). É um dos meios de transporte mais comuns na localidade. (Figura 29).

Figura 29 - Viagem a bordo de um rabeta



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

A primeira constatação foi que de fato o sinal de telefonia na comunidade (Figura 30) é constante, e que a disponibilidade da rede de internet móvel existe, variando entre as velocidades 3G e 4G. Em meu celular (Dual Chip) as operadoras Vivo e Claro permaneceram em conexão durante toda a visita.

Figura 30 - Comunidade Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Pesquisa de campo

Os primeiros questionamentos aos moradores foram relacionados à utilização dos aplicativos de mensagens *WhatsApp* e *Facebook* para o envio de avisos e comunicados à outras localidades. Um vaqueiro de 47 anos explicou o seguinte: “A gente utiliza o *WhatsApp* aqui *pra* falar com nossos familiares na cidade e nas comunidades onde pega a internet. Daqui *pra* nós é mais fácil dessa forma, já que nós temos uma internet até que boa”.

Uma opinião parecida é a de um estudante, de 19 anos. Aprovado recentemente para cursar Matemática na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ele diz que além da cidade (Parintins), se comunica com outras comunidades do entorno, por meio da internet. “Aqui a gente utiliza mais o celular, principalmente o *WhatsApp*. A gente se comunica mais com o Maranhão, com a Barreira do Andirá e Badajós também, são essas localidades que pega a internet aqui perto de nós”.

Durante a narrativa dos depoimentos colhidos nesta comunidade, veremos que o aplicativo *WhatsApp* será o mais citado, e de longe o mais usado como mecanismo de comunicação e, conseqüentemente, de integração entre as localidades, sejam elas situadas na zona rural ou urbana. Neste sentido, exponho alguns dados disponibilizados na página oficial do aplicativo. O *WhatsApp* está presente em mais de 180 países, e reúne mais de 2 bilhões de usuários em todo o planeta. Todos os dias são trocadas, de forma instantânea, mais de 100 bilhões de mensagens. O aplicativo permite a emissão de mensagens em texto e áudio, além

do envio de fotografias e vídeos. É possível também realizar chamadas de áudio ou chamadas de vídeo. (BLOGUE DO WHATSAPP, 2021).

Neste cenário, Rodrigues (2017, p. 78), explica: “O conteúdo de uma rede social na internet tende sempre ao infinito, uma vez que qualquer membro pode contribuir a qualquer momento. Este diálogo entre usuários constitui blocos colaborativos de opinião e trocas de informação.”

É como se as comunidades ribeirinhas agora estivessem mais próximas, conectadas em rede. O agente comunitário de saúde da localidade comentou que por meio do celular é possível encaminhar avisos inerentes à comunidade.

A gente utiliza a internet *pra* se comunicar, principalmente com as comunidades que também pegam a internet, onde os celulares entram em área, só não com as outras que ainda não tem esse meio de comunicação. Mas agora quase todas as *comunidade* tão utilizando o telefone, né. É mais mesmo quando tem evento na comunidade que a gente utiliza *pra* mandar mensagem, convite, essas coisas.

Neste ponto, já percebemos uma semelhança com a dinâmica exercida pelo Mensageiro da Amazônia há mais 50 anos, que agora passa a ser feita pelos próprios moradores. Os celulares demonstram desempenhar uma função cada vez mais útil no dia a dia, capazes de encurtar distâncias e até mesmo de desempenhar as funções que só podiam ser ouvidas pelo rádio. Foi o que me relatou o estudante mencionado anteriormente.

A gente conversa sobre o que vai acontecer na comunidade, por exemplo, amanhã vai ter um torneio de pênalti, a gente já avisa pelo *WhatsApp* mesmo os moradores de outras *paragens*. Mais é divulgação mesmo, de evento, de festa religiosa.

Uma agricultora de 44 anos me contou que consegue estudar virtualmente na comunidade, nos cursos ofertados pelo Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM). Para explicar a dinâmica do uso do celular no envio de avisos e similares, ela utilizou um termo bastante conhecido no Mensageiro da Amazônia, o destinatário. “A gente utiliza muito o *WhatsApp pra* mandar mensagem, principalmente *pra* cidade, e também *pra* algumas comunidades, mas nem todas tem um sinal bom como aqui. Pela internet é mais rápido, já cai direto no destinatário”.

Dessa maneira, o *WhatsApp* incorpora características muito próximas do rádio, principalmente quando levamos em conta a dinâmica do programa Mensageiro da Amazônia. Em seu estudo sobre a “Rádio Tribos do Norte”, emissora indígena criada dentro do *WhatsApp*, Rodrigues (2017, p. 80) explica que: “Eles potencializam a comunicação, entre eles, aproveitando as tecnologias disponíveis e entrelaçando com rádio – mídia referência para a maioria deles, por conta da ser a principal forma de comunicação no interior do estado”. Esta mesma realidade pode ser constatada na comunidade Nossa Senhora da Conceição.

A rapidez na entrega das mensagens é outro fator bastante citado pelos residentes. Uma das moradoras, aposentada de 66 anos, disse que conversa com parentes em cidades como Manaus e Barreirinha. “Aqui em casa a gente utiliza sempre o celular, principalmente para falar com quem tá na cidade, seja em Parintins, Barreirinha ou Manaus. É uma forma de se comunicar mais rápido”.

E ainda elogiam a qualidade do sinal. “A internet é boa, você pode pegar, ligar o celular desses mais *avançado*, como daquele outro menos, né, todos eles sempre *pega*. Tem gente que vem de fora e *gaba* bastante a internet da comunidade”. Foi o que me contou uma agricultora de 58 anos.

Como já citado anteriormente, muitos moradores acabam se deslocando para localidades de terra firme, em determinado momento do ano. Alguns deles relataram que essas comunidades ficam distantes e por lá não conseguem sinal de telefonia. Veja no relato a seguir, feito por uma agricultora.

Lá é muito difícil. Lá *pra* gente se comunicar, a gente tinha que vim aqui *pra* fora do rio, *pra* cá mesmo, *pra* onde tinha antena, *pra* uma casa que tivesse essas antenas, aí se tornava mais fácil *pra* gente. Mas aqui na comunidade não tem esse porém não, é legal mesmo, é boa e todo mundo usa.

Diante dos depoimentos dos moradores e da constatação de que a internet desempenha funções muito próximas do Mensageiro da Amazônia, fiz questão de questioná-los quanto à audiência das rádios na comunidade. As emissoras Alvorada e Clube, assim como no Mato Grosso, foram as estações mais citadas por eles, embora a frequência não seja tão grande como na comunidade cuja comparação é feita. “Aqui a gente ouve todas as duas, tanto a Clube como a Alvorada, as duas principais, né. Eu ligo quatro da manhã na Clube e quando dá cinco horas eu ponho

na Alvorada, aí eu fico trocando de uma *pra* outra”, relatou uma moradora. “Nós deixamos de ouvir mais o rádio, não é mais como era antigamente, mas a gente ainda ouve o jornal, a missa de domingo na Alvorada”, expôs uma das entrevistadas.

Há também outra concorrente neste contexto, a televisão, bastante presente nas residências da localidade. Perguntado sobre como era dividir o tempo para os meios de comunicação, um morador disse o seguinte: “A rádio é sempre pela parte da manhã, que a gente utiliza *pra* ouvir o jornal, da Rádio Clube e da Alvorada também. Isso durante o dia, pois na parte da noite quase ninguém ouve, prefere a TV”.

Há também quem não desgruda do rádio. É bem verdade que a maioria dos ouvintes da localidade é representada pelos moradores mais antigos, que narram se tratar de uma tradição, apesar da presença forte dos aparelhos celulares. O agente comunitário de saúde traduziu este sentimento:

O rádio ele é um hábito que a gente adquiriu desde a infância, a gente cresceu ouvindo o rádio e é uma coisa assim que mesmo que tenha esses meios de comunicação como celular, ele tá presente aí no dia a dia da gente, ele não sai do nosso dia a dia, né, não tem como fugir do modo da gente usar o rádio, mesmo tendo outros meios de comunicação, o rádio é uma coisa tradicional da gente.

Figura 31 - Igreja, escola e barracão da comunidade, respectivamente



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Quando perguntados sobre o Mensageiro da Amazônia propriamente dito, a maioria dos moradores é enfática em dizer que o hábito de escutar os avisos pelo rádio ficou como rotina do passado. A comunidade ainda utiliza e acompanha o programa com maior frequência na época dos festejos da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, para divulgar a programação social e esportiva da festa. As palavras a seguir são de um morador que já desempenhou a função de presidente da comunidade.

Os avisos a gente usa mais pela época próximo da festa da padroeira da comunidade, *pra* transmitir os avisos, porque tem comunidade aí que não tem o acesso aos meios de comunicação do celular, aí a gente utiliza o aviso *pra* abranger essas outras comunidades. Pessoalmente eu também já utilizei várias vezes os *aviso*, assim como já me avisaram por lá também.

A declaração deste morador é semelhante ao que disse um dos vaqueiros. “O Mensageiro já foi mais frequente, agora a gente só ouve quando tem assim uma expectativa de receber um comunicado, ou transmitir um aviso da comunidade que a gente quer comunicar distante, aí a gente ouve”. Os moradores também relembram história envolvendo o Mensageiro da Amazônia, na época em que a comunicação entre cidade e interior era feita dessa maneira, como relata o próximo interiorano.

Eu usava muitos os avisos *pra* se comunicar com o pessoal da terra firme, principalmente quando eu *tava* na cidade e precisava fazer um serviço, eu já mandava um aviso *pra* lá, *pra* quando eu chegasse, já está tudo pronto, entendeu. Era assim ‘olha fulano, prepara tal coisa, que eu vou chegar tal hora, a gente vai embarcar o gado, trazer o gado pro matadouro’, essas coisas assim.

A vinheta de abertura da primeira edição do Mensageiro da Amazônia, veiculado antigamente às 11 horas era como sinal sonoro para o encerramento do trabalho da manhã, relata um dos vaqueiros entrevistados.

A gente ouvia os avisos de onze horas, no horário que a gente *tava* parando de trabalhar, né, antes do almoço. Até eu quando queria me comunicar, sempre eu utilizava o Mensageiro. Eu cansei de botar aviso *pra* falar com meu pai, dizer que *tava* bem, nessa época eu também criava um gadinho e comunicava sobre levar o gado *pra* terra firme ou *pra* várzea, qualquer situação mesmo, já que não tinha internet, nem ao menos celular, né. Mas hoje em dia, o mundo tá mais fácil *pra* gente, tem a internet e a energia também.

Questionados sobre a queda na audiência do Mensageiro da Amazônia na localidade, a maioria cita a interferência do celular. A opinião dos próprios

moradores é fundamental para entender essa mudança de hábito na comunicação entre as comunidades ribeirinhas. Uma das agricultoras defende: “Na minha opinião diminuiu por causa do celular, hoje em dia até uma criança já tem um celular, e ainda usam o celular melhor do que a gente. Pela rapidez, a gente prefere já usar o celular, quando tem crédito, é claro”.

A mudança na maneira como os moradores escolheram se comunicar com outras localidades acompanha o advento de novas ferramentas tecnológicas, hoje fundamentais no relacionamento social de quem mora nesta comunidade ribeirinha. A pesquisadora Monique Igreja (2016, p. 63), em sua dissertação de mestrado escreveu sobre a integração das populações ribeirinhas inseridas no contexto dos espaços amazônicos:

Esses processos tendem a se intensificar à medida em que os territórios mais isolados ganham acessibilidade ao uso de tecnologias de informação e comunicação e, também, naturalmente, à medida em que se integram às dinâmicas econômicas e culturais da sociedade nacional brasileira e do ocidente em geral.

De volta aos comunitários, a opinião a seguir é de um vaqueiro que no passado utilizava o Mensageiro da Amazônia para organizar as viagens entre a várzea e terra firme.

Antigamente tinha mais avisos, hoje em dia é muito *ralado*, aliás eu acho que só já tem aviso *pra* onde não pega mesmo telefone, né, mas nas outras paragens assim já é tudo com sinal de telefone. E na minha opinião, os avisos *diminuiu* devido o celular, que é um meio de comunicação rápida também, né. Não era como antigamente que era difícil ter o telefone, né, mas agora não, tem tanto telefone que tem gente que nem ouve mais rádio, né.

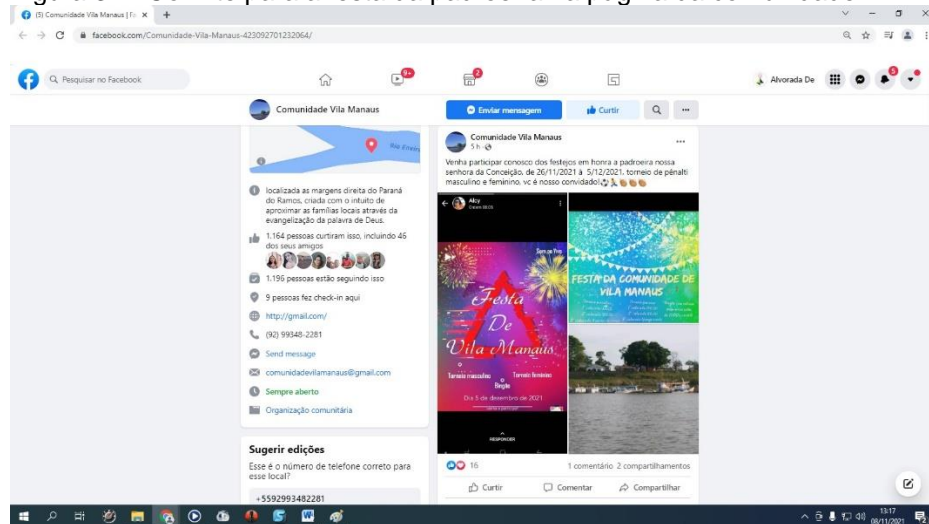
A agricultora a seguir também menciona o celular como principal motivo para diminuição dos avisos.

Antigamente tinha mais avisos, começava onze horas quando era na Alvorada AM e era mais de meia hora de comunicados, isso quando não tinha o celular. Agora não, é pouquinho que tem, né, mas sai, apesar de não ser demorado como antes. Era aviso de festa, avisando fulano não sei aonde, fora outras programações que tinham, né.

É importante ressaltar que além da troca de informações pelo *WhatsApp*, a comunidade Nossa Senhora da Conceição possui uma página no *Facebook*, denominada “Comunidade Vila Manaus”, em referência a nomenclatura popular da

localidade. Nela são divulgados informes referentes às programações religiosas e sociais (Figura 32).

Figura 32 - Convite para a festa da padroeira na página da comunidade



Fonte: Facebook

De volta à comunidade, os moradores também citam a pandemia da Covid-19 como um dos motivos para a redução dos avisos, como comenta esta moradora: “Agora na pandemia, a gente viu que os avisos *diminuiu* muito também, porque não ocorreu muito os eventos no interior”. Outra moradora, atual presidente da comunidade, diz que a última vez que colocou avisos no Mensageiro da Amazônia foi antes dos casos relacionados ao novo coronavírus. “Antes da pandemia, quando chegava próximo da festa da comunidade eu ia lá, quando ia fazer alguma promoção falar com eles *pra* divulgar no aviso”.

É notório perceber a diferença entre as duas comunidades visitadas na relação com rádio, principalmente na participação e audiência do Mensageiro da Amazônia. O celular, quando conectado à internet, possibilita aos moradores da comunidade Nossa Senhora da Conceição transmitir mensagens instantâneas a outras localidades também conectadas à rede, sejam elas localizadas na zona rural ou mesmo em zonas urbanas. E quando levamos em consideração o fato de que levar um aviso até a cidade para ser veiculado na Rádio Alvorada gera despesas aos moradores (passagens, transporte, taxas e afins), constatamos a serventia dos aplicativos que desempenham tais funções. O relato a seguir, de uma agricultora,

congrega a maioria das opiniões supracitadas e evidencia a queda no uso das rádios como transmissoras de avisos e comunicados da comunidade.

Agora você pega o celular, por exemplo, daqui você pode se comunicar com outras comunidades que pega a internet, né. Invés de você ir lá na Rádio Alvorada colocar o aviso, você já usa o celular e já manda mensagem *pra* um vizinho ou **pra** alguém mais distante um pouco. Melhor de que você ir lá na cidade, pagar uma passagem, ainda pagar pelo aviso pro fulano de tal lá, aí pelo celular já facilita, melhorou muito *pra* comunicação das pessoas.

Quando retomamos a narrativa histórica do Mensageiro da Amazônia, aqui detalhada no capítulo 2, verificamos que a ideia para a criação do programa era desempenhar exatamente essas funções, via rádio, de encurtar as distâncias entre as comunidades ribeirinhas e a cidade, possibilitando que os avisos de utilidade pública pudessem ser ouvidos e compreendidos pelos moradores deste universo da pesquisa. Hoje em dia, essa mesma função pode ser cumprida pelos próprios moradores, conectados à internet e cadastrados em aplicativos que facilitem essa dinâmica. É como se os comunitários adaptassem o Mensageiro da Amazônia a uma nova dinâmica, que envolve modernas ferramentas de comunicação digital, cada vez mais acessíveis ao contexto social das comunidades ribeirinhas.

4.3 Análises e resultados

A comunicação tradicional, alicerçada pela oralidade, é responsável por reger o convívio social dentro das comunidades ribeirinhas visitadas. Essa forma de se comunicar é transmitida entre as gerações, repassada dos avós para os pais, dos pais para os filhos e assim o ciclo se mantém, o que consolida uma maneira muito peculiar de coexistência. Porém, a partir do momento em que essas populações passam a interagir com outras localidades, ampliando sua comunicação, é necessário envolver novos instrumentos. Neste contexto, um dos principais meios utilizados é o rádio, aparelho responsável por encurtar as distâncias e integrar as comunidades ribeirinhas. No cenário amazônico, vimos que as rádios se apresentam como amplificadoras dessa oralidade e esse é um dos fatores que contribuem para sua popularidade. Ferreira e Varão (2020, p. 138) escrevem: “Talvez possamos creditar o sucesso do rádio ao fato de valorizar, por suas características sonoras, a

única forma de comunicação que nos constitui como espécie e mediatizá-la: a oralidade”.

Mas é bem verdade que o rádio não está sozinho neste universo comunicativo. A concorrência é grande e a partir do processo de expansão das linhas telefônicas, vimos que os aparelhos celulares também exercem o papel de emissor e receptor de mensagens, dadas as condições de acesso à rede móvel nas comunidades, atuando na ampliação da comunicação, agora em rede. Dessa forma, podemos dizer que a comunicação tradicional não se perdeu, ela avança sobre novas possibilidades e revela uma Amazônia interligada, em redes. Neste sentido Neves (2019, p. 39), pondera:

Na contemporaneidade, podemos dizer que os habitantes na Amazônia interagem de múltiplas formas, assim como existem áreas ainda em que as formas de comunicação se realizam por meio de alto-falantes comunitários, chamados na região de Parintins de voz comunitárias, instalados em comunidades rurais, integrando parte de comunidades afastadas a outras que fazem entreposto com as cidades pequenas e médias, há também áreas em que se experimentam os avanços das telecomunicações com sinais de tecnologias de internet via satélite ou por meio de radiofrequência.

Diante da realidade supracitada, e com base no estudo de campo realizado nas comunidades Mato Grosso e Nossa Senhora da Conceição, é totalmente possível apontar diferenças no envolvimento dos moradores de cada localidade com as emissoras de rádio de Parintins e suas programações, principalmente quando se leva em consideração o acesso à rede de telefonia e ao serviço de internet.

Para elucidar esse debate, tracei como objetivo geral desta monografia analisar a interferência de novas ferramentas de comunicação digital no programa radiofônico “Mensageiro da Amazônia”, tornando-o meu objeto de estudo. Com a pesquisa foi possível perceber que o referido programa não vive seu melhor momento em termos de audiência e participação dos ouvintes, se comparado ao período de sua criação e ao tempo em que o rádio se apresentava como o único, ou como o principal meio de comunicação de Parintins, no perímetro urbano e, principalmente, na zona rural do município. É importante citar que a realidade pandêmica, vivenciada com maior rigor nos anos de 2020 e 2021, se tornou um ponto de destaque neste trabalho, citada pelos entrevistados como um dos fatores, não o principal, para a diminuição de comunicados no Mensageiro da Amazônia,

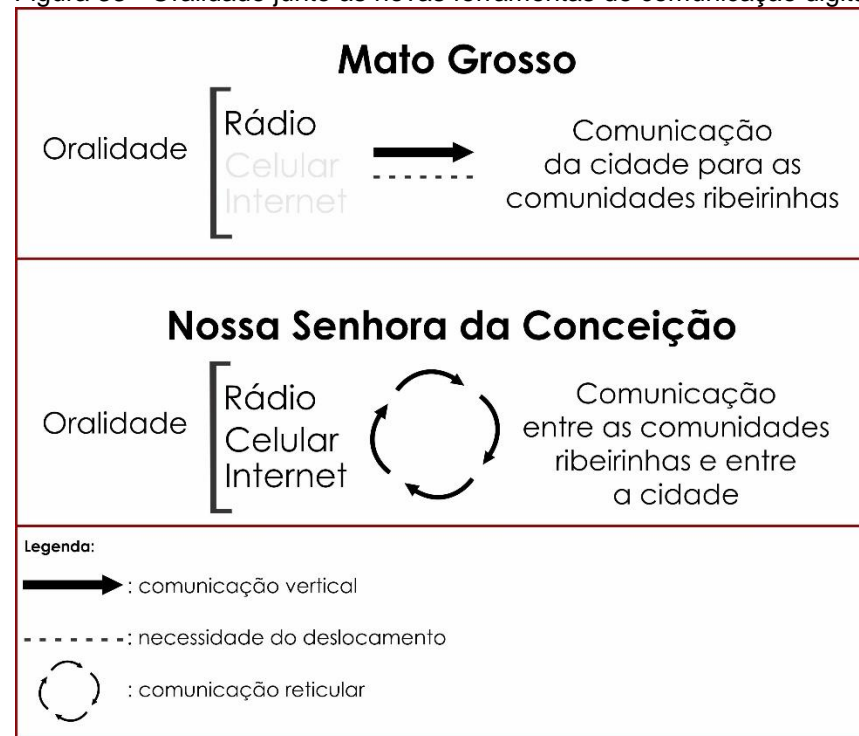
sobretudo por conta do impedimento de eventos públicos, em respeito aos protocolos sanitários.

Por meio de toda metodologia empregada, foi possível compreender os maiores motivos que levaram à queda na audiência e também a baixa frequência de avisos veiculados. Na comunidade do Mato Grosso, onde o acesso aos serviços de internet móvel é uma realidade distante, o programa, ainda que com poucos avisos, segue com uma audiência fiel. Ouvir os comunicados no rádio é uma prática tradicional, como narrou a maioria dos moradores, é uma maneira de entender o funcionamento da vida em comunidade e ter a oportunidade de também dela participar. Esse contato direto com os moradores do Mato Grosso serviu para demonstrar que o Mensageiro da Amazônia mantém sua importância social e por isso não deve ser encarado como um programa ultrapassado ou que necessita acabar. É por meio dele que comunidades ribeirinhas como o Mato Grosso, e outras dezenas sem acesso à internet móvel, podem se comunicar e ter acesso aos acontecimentos que permeiam a região amazônica.

Por outro lado, não há como esconder o fato de que existem localidades que possuem um acesso amplo às diversas possibilidades de interação, de troca de informações, de envio e recebimento de recados instantâneos. Neste caso, a comunidade Nossa Senhora da Conceição é um exemplo claro de como a oralidade avança sobre novos meios, e agora se apropria do território da telefonia e se expande no universo da internet móvel. Neste universo, foi constatado que dentre os aplicativos de troca de mensagens disponíveis, o mais utilizado pelos moradores é o *WhatsApp*. Percebemos ainda que antes da chegada do sinal de celular na localidade, os moradores também usavam o rádio como fio transmissor das informações, isto é, na medida em que a tecnologia progride e se torna popular, os moradores passam a socializar de forma diferente e cada vez mais rápido.

Elaborei um quadro (Figura 33) que ilustra como a comunicação tradicional (oralidade), nas comunidades Mato Grosso e Nossa Senhora da Conceição, se apropria de novas ferramentas midiáticas e como esse processo traduz tudo aquilo que foi exposto pelos depoimentos colhidos nesta pesquisa.

Figura 33 - Oralidade junto às novas ferramentas de comunicação digital



Fonte: Elaborado pelo autor

Perceba que na comunidade Mato Grosso as designações para “celular” e “internet” estão quase invisíveis, o que significa que daqui a algum tempo, dependendo do processo de expansão das redes telefônicas, os moradores poderão também usufruir dessas ferramentas para se comunicar. Neste quadro, constam apenas os instrumentos de comunicação abordados nesta pesquisa, investigados a partir do estudo feito nas duas comunidades em questão.

Quanto à comunidade Nossa Senhora da Conceição, observou-se outras duas possibilidades além do rádio para uma comunicação rápida entre as comunidades e a cidade: celular (ligação telefônica) e internet (aplicativos de troca de mensagens). Conforme vimos nas palavras dos moradores, estes agora desempenham funções similares ao que um dia foi exclusividade do Mensageiro da Amazônia. Vimos ainda que nessa localidade o fator financeiro também incide na preferência pelos aparelhos celulares e serviços de internet, posto que pagar por uma recarga na linha telefônica é mais em conta do que pagar uma passagem de barco até Parintins, pelo transporte na cidade e ainda arcar com o aviso a ser veiculado.

É notório perceber que o programa possui inúmeros outros concorrentes, os diversos modelos de aparelhos celulares, disponíveis agora para um número cada vez maior de parintinenenses, inclusive daqueles que residem na zona rural. Isso explica o fato da audiência do programa ter despencado nos últimos anos e os avisos terem diminuído drasticamente. Esta afirmação se torna fundamental quando associada à minha hipótese apresentada no pré-projeto da pesquisa, a qual afirma que tendo em vista a massiva influência das tecnologias de comunicação, verifica-se que modelos de aplicativos de mensagens tendem a suprimir o programa Mensageiro da Amazônia. Não há como negar o impacto dessas tecnologias no andamento do Mensageiro da Amazônia. Vimos que o programa é veiculado atualmente apenas uma vez ao dia, com um número de avisos reduzidos. O que antes demandava uma habilidade especial dos locutores, agora é facilmente concluído em 15 a 20 minutos de apresentação.

Ainda assim, diante de tudo que foi descrito a partir das entrevistas com as pessoas ligadas à apresentação do programa e com os moradores ribeirinhos das comunidades Mato Grosso e Nossa Senhora da Conceição, constato que mesmo com a forte presença desses dispositivos, eles não são suficientes, pelo menos não até a conclusão deste trabalho, para acabar com o programa, pois ele mantém sua força em lugares e realidades que confiam no rádio, e somente nele, a missão de informar a veracidade dos acontecimentos. “Os radialistas, por isso, tornaram-se atores sociais relevantes na medida em que passam a representar a possibilidade de expressão – a voz – para milhares de pessoas”. (ALBUQUERQUE, 2020, p. 374).

Comparar essas duas realidades nos evidencia o quanto a tecnologia influencia a maneira como as pessoas se relacionam, e principalmente, como se comunicam. O Mensageiro da Amazônia sofre diariamente o impacto da adaptação da oralidade aos novos meios de comunicação, sobretudo com a popularização dos aparelhos celulares e do serviço de internet móvel. Esse processo faz com que o programa de avisos da Rádio Alvorada, que antes era campeão de audiência, sendo ele o único emissor de avisos e mensagens, hoje se tornar apenas um dos canais de comunicação disponíveis para a população ribeirinha.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho, a vida ribeirinha é narrada essencialmente pelas ondas sonoras do rádio. O antigo veículo de comunicação de massa mantém um território fértil, regado de grandes histórias e lembranças. No contexto social das comunidades ribeirinhas, um rádio ligado é como uma ponte que interliga e encurta os diferentes espaços populacionais desta região.

Para a audiência amazônica, ouvir não basta, é necessário escutar, entender, refletir, e ao final concordar ou não com aquilo que foi dito. Almeida, Santos e Souza (2018, p. 13) escrevem: “Na Amazônia, o rádio é muito mais que mero entretenimento.” Ele é alguém de casa, um membro familiar dos mais respeitados e queridos. Mas, durante todo este percurso notamos que ele não está mais sozinho, e apesar de ainda protagonista, observa a chegada de novas possibilidades. Ele agora possui notáveis concorrentes, promissores e atraentes aparelhos telefônicos, cada vez mais presentes na vida cotidiana dos ribeirinhos, que desempenham funções antes exclusivas dos programas de avisos das emissoras de rádio.

Investigar esse universo comunicacional, inserido na pluralidade da vida na Amazônia, e construir uma narrativa com base nas vozes dos próprios habitantes deste universo, me fizeram compreender a relevância das pesquisas em Ciências Humanas, sobretudo no campo da Comunicação Social. Somente com a prática, constituída a partir da imersão no campo, é possível perceber os fenômenos ligados ao comportamento da vida em comunidade, neste caso, das comunidades ribeirinhas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana. Do Coronelismo à Web: Panorama do Rádio no Sul da Bahia. *In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil et al. Rádio no Brasil 100 anos de História em (Re) Construção*. Ijuí: Unijuí, 2020. p. 370-387.

ALMEIDA, Rogério Henrique; SANTOS, Joelma Viana dos; SOUSA, Raimundo Valdomiro de. AMAZÔNIA(S) EM REDE(S): Rádios da Amazônia protagonizam comunicação alternativa a partir da Rádio Rural de Santarém/PA. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 6, p. 898-925, 2018.

BIANCO, Nelia R. Del Bianco (org.). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: INTERCOM, 2012

BIANCO, Nelia. **Radiojornalismo em Mutação na Era Digital**, 2004a. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93547990338816167875365087967327564175.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

BIANCO, Nelia. **Remediação do radiojornalismo na era da informação**, 2004b. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-remediacao-radiojornalismo-era-dainformacao.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

CAVALCANTE, Liam. **Rádio Alvorada de Parintins encerra transmissões via Ondas Tropicais**. Alvorada, 2020. Disponível em:
<https://alvoradaparintins.com.br/radio-alvorada-de-parintins-encerra-transmissoes-via-ondas-tropicais/>. Acesso em: 31 de agosto de 2021

CERQUA, Arcângelo. **Clarões de F  no Médio Amazonas**: A Prelazia de Parintins no seu jubileu de prata. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Inter Mirifica sobre os meios de comunicação social**. Vaticano, 4 de dezembro de 1966.

COSTA, Luciana Miranda; WANDERLEI, Patrícia Teixeira Azevedo. Do regat o às ondas sonoras. O Rádio Ainda Integrando a Amazônia. *In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil et al. Rádio no Brasil 100 anos de História em (Re) Construção*. Ijuí: Unijuí, 2020. p. 338-351.

DIOCESE DE PARINTINS. **Revista Alvorada 40 anos**: a voz que a Amazônia escuta. Parintins: Gráfica Mor , 2007.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, Fernanda Vasques; VARÃO, Rafiza. Permanência e Mutações da Oralidade nos Primeiros Jingles Radiof nicos Brasileiros. *In: RADDATZ, Vera Lucia*

Spacil *et al.* **Rádio no Brasil 100 anos de História em (Re) Construção**. Ijuí: Unijuí, 2020. p. 137-151.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Adriano Lopes; GOMES, Emanuel Leonardo dos Santos. **O radiojornalismo em tempo de internet**. Natal: Edufrn, 2017.

GUERREIRO, Taíssa Maria Tavares. **Transformações da Rádio Alvorada de Parintins no Advento das Tecnologias**, 2019. Artigo – Universidade Federal do Amazonas, 2019.

IGREJA, Monique Feio. **Tecnologia e interações na Amazônia paraense: um estudo com jovens da ilha de Murutucu – Belém/PA**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades Ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**, 2015. Artigo – Universidade Federal do Amazonas, 2015.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2.ed. Atlas, São Paulo, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 20. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Irecê Barbosa. **Favor Transmitir ao Destinatário (Uma análise semiológica dos avisos de rádio no Amazonas)**. Ed. da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 1996.

MONTEIRO, Lucely Cursino. **O jornalismo radiofônico da Rádio Alvorada de Parintins, AM: Função. Evolução e contribuição social**. 2019. Monografia (Pós-graduação “Latu Sensu” em especialização) – Serviço à Pastoral da Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

NEVES, Soriany Simas. **Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

NOGUEIRA, Eugênio Negreiros. **O Rádio no País das Amazonas**. Manaus: Valer, 1999.

OLIVEIRA, Edilene Maфра Mendes de. **A divulgação científica radiofônica em tempos de Internet**: um estudo das adaptações do Rádio com Ciência ao ambiente da web. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos da história. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, 2002-2003

PÁDUA, Elizabete Matallo Marchesini. **Metodologia da Pesquisa**: abordagem teórico-prática. 8. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).

PRATA, Nair. **Webradio**: Novos Gêneros, Novas Formas de Interação. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RODRIGUES, Adriano Silva. **Aturá**: Trançado de saberes amazônicos. Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

RODRIGUES, Marcos Felipe. **Rádio Alvorada de Parintins celebra 53 anos de história**. Alvorada, 2020. Disponível em: <https://alvoradaparintins.com.br/radio-alvorada-de-parintins-celebra-hoje-53-anos-de-historia/>. Acesso em: 31 de agosto de 2021

RODRIGUES, Rosa Luciana P. **A interface entre a comunicação e educação na Amazônia: A experiência da rádio rural de Santarém**, 2011. Artigo – Universidade Federal do Pará, 2011.

RODRIGUES, Rosa Luciana Pereira; DUTRA, Manuel José Sena. **A comunicação radiofônica e a educação popular em um ambiente amazônico**. In: MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitosa (org.). Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação. Manaus: UFAM, 2012. p. 227-245.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): Evolução e transformação**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Apêndice A – Perguntas semiestruturadas para dona Raimunda Ribeiro

Sobre a criação do programa:

- a) A senhora lembra qual o foi o objetivo para a criação do Mensageiro da Amazônia?
- b) Na sua opinião, ele conseguiu estreitar as distâncias entre a cidade e as comunidades ribeirinhas?
- c) Quantas edições existiam antigamente do Mensageiro da Amazônia?
- d) Como era feito a escolha dos locutores para o programa?
- e) Tem algum aviso marcante?

Sobre a Rádio Alvorada:

- a) A emissora cumpriu o seu papel social ao longo de sua história?
- b) Na sua opinião, o rádio mantém a sua força de outrora?
- c) O que precisa ser melhorado na sua opinião?

Apêndice B – Perguntas semiestruturadas para Lucely Monteiro

Sobre o programa atualmente:

- a) Qual a importância do Mensageiro da Amazônia para a Rádio Alvorada?
- b) Qual o papel social do Mensageiro da Amazônia, em especial para as comunidades ribeirinhas?
- c) Por que ele deixou de ser veiculado em três edições?
- d) A pandemia interferiu na quantidade de avisos?
- e) O Mensageiro da Amazônia hoje consegue gerar bons lucros para a Alvorada? Os valores ajudam a pagar as despesas da emissora?
- f) Quanto custa um aviso simples? E um aviso institucional?
- g) Na sua opinião, o Mensageiro está perdendo seu espaço para outras formas de se comunicar?
- h) A emissora já pensou em encerrar as atividades do Mensageiro da Amazônia?

Sobre a Rádio Alvorada:

- a) Como a emissora enxerga as distâncias hoje entre a cidade e o interior?
- b) A emissora mantém a mesma missão de quando foi fundada?
- c) A Rádio Alvorada está prestes a completar 54 anos, qual é a maior contribuição da emissora para a região?

Apêndice C – Perguntas semiestruturadas para Flávio Luiz

Sobre o Mensageiro da Amazônia

- a) Em que ano o senhor começou a apresentar o programa? E por quanto tempo permaneceu?
- b) Na sua opinião, o Mensageiro da Amazônia consegue estreitar as distâncias entre cidade e comunidades rurais
- c) Quais eram as estratégias de locução para deixar o Mensageiro mais 'atrativo'?
- d) Na sua opinião, qual foi a chave para o programa se tornar tão popular?
- e) Sobre linguagem. Os avisos eram lidos sempre da maneira que chegavam na recepção da Rádio?
- f) Tem algum aviso marcante ao longo de sua passagem pela Rádio Alvorada. (fato engraçado, inusitado, triste...)
- g) Na sua opinião, os atuais aplicativos de troca de mensagens interferem na apresentação do Mensageiro da Amazônia?

Sobre o rádio:

- a) Na sua opinião, o rádio é o principal veículo de comunicação da região?
- b) O que mudou de antigamente para os dias atuais?
- c) A internet pode ser encarada como vilã ou potencial parceira mais a popularização do rádio?
- d) O que a Rádio Alvorada representa para sua vida?

Apêndice D – Perguntas semiestruturadas para a comunidade Mato Grosso

Identificação:

- a) Idade: ____ anos
- b) Profissão: _____

Sobre a convivência diária com o rádio:

- a) Você costuma ouvir bastante as rádios de Parintins?
- b) Quais são os motivos que te levam a ouvir o rádio? Notícias? Divertimento? Outro?
- c) Você costuma ouvir a Rádio Alvorada?
- d) Você costuma participar dos programas da rádio por meio de mensagens SMS ou ligação?

Sobre o programa Mensageiro da Amazônia:

- a) Você conhece o Mensageiro da Amazônia? Costuma ouvir com qual frequência?
- b) Já utilizou alguma vez o Mensageiro da Amazônia para transmitir um aviso para outra localidade?
- d) E atualmente, você utiliza o Mensageiro da Amazônia para transmitir avisos?
- e) Tem algum episódio marcante veiculado sobre a comunidade que você lembra?

**Apêndice E – Perguntas semiestruturadas para a comunidade Nossa
Senhora da Conceição**

Identificação:

- a) Idade: ___ anos

- b) Profissão: _____

Sobre o uso de internet:

- a) Você utiliza os aplicativos WhatsApp ou Facebook para se comunicar com outras localidades? E para transmitir um aviso/comunicado, utiliza também esses meios?
- b) A rede de dados aqui é consistente?
- c) Se a resposta for não, quais outros meios você utiliza para repassar informações da comunidade?

Sobre a audiência no rádio:

- a) Você costuma ouvir as rádios de Parintins?
- b) Você costuma ouvir a Rádio Alvorada? Por que?
- c) Você utiliza ou já utilizou a rádio para se comunicar com outras comunidades?

Sobre o programa Mensageiro da Amazônia:

- a) Você conhece o Mensageiro da Amazônia?
- b) Já utilizou alguma vez o Mensageiro da Amazônia para transmitir um aviso?
- c) Na sua opinião, o WhatsApp e o Facebook, estão substituindo o programa Mensageiro da Amazônia.

Apêndice F – Modelo do termo de autorização de uso de voz e imagem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA – ICSEZ
 COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM

Eu, _____, portador (a) da Carteira de Identidade nº _____ e do CPF nº _____, residente na rua _____, nº _____, bairro _____, na cidade de _____, AUTORIZO, através do presente termo, o uso da minha voz e imagem para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "*Mensageiro da Amazônia: Sobrevivência de um modelo de comunicação tradicional em meio às novas ferramentas midiáticas*". O trabalho é uma produção do acadêmico Marcos Felipe Rodrigues de Souza matrícula 21651770, do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem acima mencionado em todo território nacional e no exterior, por esta ser expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos e assino a presente autorização em 02 (duas) vias.

Parintins, ____ de _____ de 2021.

Cedente: _____

CopySpider Scholar | Análise × +

← → ↻ <https://files.copyspider.com.br/scholarfree/view/showStudyInCS3.php?&cfa=fde87ba8f7072e35a3b1e0391648bc>

CopySpider Scholar [Apoiar o CopySpider](#)

[Exportar relatório](#)
[Exportar relatório PDF](#)
Visualizar ▾
[Gerador de Referência Bibliográfica \(ABNT, Vancouver\)](#)

TCC com as correções word Marcos Felipe_concluído.docx (23/12/2021):

Resumo

[0,82%] [pt.wikipedia.org/wiki/...](#)

[0,59%] [revista.pubalaic.org/fi...](#)

[0,34%] [pt.wikipedia.org/wiki/...](#)

[0,15%] [diariooficial.imprensa...](#)

[0,11%] [coladaweb.com/fisica...](#)

[0,07%] [exercicios.mundoedu...](#)

[0,06%] [formacao.cancaonov...](#)

[0,04%] [en.wikipedia.org/wiki/...](#)

[0,03%] [tviplayer.iol.pt/progra...](#)

[0,00%] [wikimapia.org/26781...](#)

Arquivo de entrada: [TCC com as correções word Marcos Felipe_concluído.docx](#) (22497 termos)

Arquivo encontrado	Qtd. de termos	Termos comuns	Similaridade (%)	
pt.wikipedia.org/wiki/Manaus	16024	314	0,82	Visualizar
revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/download/1690/...	5026	162	0,59	Visualizar
pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Concei%C3%A7...	4613	93	0,34	Visualizar
diariooficial.imprensaoficial.com.br/doflash/prototipo/2021/...	3057	40	0,15	Visualizar
coladaweb.com/fisica/ondas/ondas-de-radio-fm-e-tv	1358	27	0,11	Visualizar
exercicios.mundoeducacao.uol.com.br/exercicios-fisica/ex...	1169	18	0,07	Visualizar
formacao.cancaonova.com/espiritualidade/oracao/oracao-...	1182	16	0,06	Visualizar
en.wikipedia.org/wiki/Our_Lady_of_Aparecida	3404	11	0,04	Visualizar
tviplayer.iol.pt/programa/ate-que-a-vida-nos-separe/55d4...	356	7	0,03	Visualizar
wikimapia.org/26781273/pt/IFAM-Campus-Parintins	222	1	0,00	Visualizar

Similaridade = termos comuns / termos distintos.